

CHRISTINE STERLING

O Primeiro Natal em
FLAT RIVER

OS CHAPMANS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

CHRISTINE STERLING

O Primeiro Natal em
FLAT RIVER

OS CHAPMANS



O Primeiro Natal em FLAT RIVER

CHRISTINE STERLING



OS CHAPMANS

1ª Edição



2023

Ribeirão Preto/SP

DIREITOS AUTORAIS



Título Original: First Christmas at flat River
The Chapmans Prequel
Copyright©2020 por Christine Sterling
Copyright da tradução©2023 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Rita Flôres
Revisão: Raquel Ribeiro
Diagramação e adaptação de Capa: Labellaluna Web®
Arte capa: Virginia McKevitt

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

S838lbe

Sterling, Christiane

Título: O Primeiro Natal em Flat River(recurso eletrônico) - ©2023

Leabhar Books Editora Ltda- Ribeirão Preto - SP

Tradução de First Christmas at Flat River © 2020 - Christine Sterling..

Formato: Livro digital

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-182-7

1. Western. 2.Americano. 3. Flôres, R. I. Título

80754

CDD 82-32

CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. Rua Sete de setembro. 1851 conj. 1 CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

AGRADECIMENTOS

Deus, sempre.

Meu herói, Dan, por seu amor e apoio incondicionais.

Minhas três filhas lindas, que me animam a cada livro!

Minhas melhores amigas, Lauren, Kath e Terri. Eu não poderia pedir uma equipe de suporte melhor!

Eu não poderia fazer isso sem minha equipe de edição, Carolyn e Amy. Quaisquer erros são exclusivamente meus.

A linda capa foi desenhada pela incrivelmente talentosa Virginia McKevitt!

The Chapman Street Team: Alice Kimes, Amy Petrowich, Ann Ferri, Dolores Howard, Jocelyn Logan, Laura Park, Lauren Sorgaard, Marcia Montoya, Paulette Marshall, Rhonda Myers, Sandra White, Sandy Sorola, Sue Krznaric, Theresa Baer, Zona Fannin.

Obrigada aos leitores que pediram a história de Marmee e Weston! Espero que gostem.

OS CHAPMANS

WESTON CHAPMAN  INGRID ALAND

OWEN CHAPMAN
OLIVER CHAPMAN

OS HARTMANS

RANDALL HARTMAN  VERNA BROWN

CHATTER HARTMAN

CAPÍTULO 1



JANEIRO DE 1840, NOS ARREDORES DE BOSTON, MASSACHUSETTS

— De todas as coisas estúpidas e idiotas que eu já ouvi, essa com certeza leva o prêmio — Ingrid Aland puxou a planta com um pouco mais de força do que pretendia, fazendo surgir uma onda de sujeira que pousou em seu avental de linho. Ela colocou a planta na cesta no chão ao lado dela e sacudiu o avental, antes de se inclinar e puxar outra.

Quando Ingrid estava chateada, podia ser encontrada capinando o jardim de sua mãe, quer precisasse ser capinado ou não. A Sra. Aland insistia em ter flores frescas o ano todo, por isso tinha uma das maiores estufas da região. O Sr. Aland construiu uma passarela da casa até a estufa para que sua esposa não precisasse andar ao relento se não quisesse. Ingrid passava muitos meses de inverno ali, cercada de flores.

Verna Brown estava sentada em uma cadeira, tomando uma xícara de chá e rindo. Um ano mais velha que Ingrid, tinha cabelos loiros encaracolados e olhos azuis brilhantes. Ela era sua melhor amiga há quase cinco anos. Como tinha várias irmãs, Verna escapava para visitar Ingrid sempre que podia.

Elas haviam tomado o chá da tarde na estufa. Estava quente e úmido, apesar do frio lá fora. Ingrid estivera sentada com Verna, saboreando o chá, mas agora estava mais furiosa que uma galinha molhada e precisava expelir um pouco de energia.

— Está arrancando as flores, Ingrid, não as ervas daninhas.

Ingrid olhou dentro da cesta e gemeu. Ela nem estava prestando atenção. No topo das ervas daninhas, havia várias pequenas plantas com flores.

— Bem, eu pretendia fazer isso — disse ela em um acesso de raiva. Pegando a planta com flor, ela a colocou de volta no solo e empilhou terra ao redor das raízes. — Acho que Mamai não vai notar, não é?

O inverno fora ameno este ano, então a estufa estava cheia de flores precoces. Açafrões, que normalmente não apareceriam até fevereiro ou março, já estavam despontando no chão.

— Acho que não — Verna respondeu, tomando seu chá casualmente.

Ingrid virou-se e pegou sua cesta, levando-a para o assento vazio ao lado de Verna. Tirou o avental e limpou as mãos nele, antes de sacudi-lo e deixá-lo sobre o assento.

Uma comoção chamou sua atenção para os fundos do jardim, onde o

homem com quem ela estava chateada podia ser visto pulando o portão. Ele acenou para elas e deu a volta para entrar na estufa pelo outro lado.

— Weston Chapman! — exclamou Ingrid, colocando a mão no quadril. — Se Mamá pudesse te ver, ela ficaria mortificada. Cavalheiros passam pelo portão do jardim.

Weston caminhou entre os canteiros de flores e piscou para ela. Pegando um sanduíche da bandeja sobre a mesa, ele enfiou metade na boca e começou a mastigar. Quando terminou de engolir, virou-se para Ingrid.

— Então, novamente, sua Mah-mee nunca pensou em mim como um cavalheiro — disse ele estendendo a palavra celta para mãe.

— Isso não é engraçado, Weston — exclamou Ingrid, seus cachos castanhos escuros balançando sobre os ombros.

Mesmo que Ingrid não achasse graça, era verdade. A Sra. Aland estivera tentando dissuadir a filha de seu interesse pelo jovem alemão. Não que os Chapmans não fossem respeitáveis; eles eram apenas... alemães.

Pelo menos Mamá não a forçou a se casar com outra pessoa. Mamá, nascida na Inglaterra, quebrou a tradição familiar ao se casar com Colin Aland, que era um arquiteto sueco. Eles navegaram para Boston, onde se estabeleceram no campo.

Colin projetou edifícios e Mamá criou dois meninos, Leon e Elias, e uma filha, Ingrid. A educação de Ingrid foi de tradições inglesas, misturadas com influências nórdicas e escandinavas.

Ingrid lançou um olhar para sua melhor amiga. Os pais de Verna, haviam arranjado um casamento com o filho de uma família rica. O filho tinha acabado de voltar da escola no exterior e seu pai queria que ele se estabelecesse. Os dois nem se conheceram e Verna já estava hesitando.

Mas Ingrid insistiu que o Chapman mais jovem era o homem com quem ela estava destinada a ficar. Eles se conheciam a maior parte de suas jovens vidas. O Sr. Chapman trabalhou para a Aland Architecture. Weston tinha vinte e um anos, quatro anos mais velho que Ingrid.

Ele tinha cabelo castanho-avermelhado com uma mandíbula quadrada e algumas sardas sobre a ponta do nariz. Seus olhos eram castanhos e ele encarava Ingrid atentamente.

Era magro, mas musculoso por trabalhar nos armazéns do porto. Cerca de trinta centímetros mais alto que ela, Ingrid sabia que poderia abraçar Weston e sua cabeça ficaria perfeitamente em seu peito.

Amava Weston desde os doze anos.

Agora que tinha dezessete, sabia que queria se casar com ele. Isso foi até ela ouvir sua ideia completamente ridícula de empacotar todos os seus pertences e se mudar para o oeste.

Ora, estava cheio de selvagens!

Ingrid lia as histórias nos jornais. Não importava nem um pouco para Weston que Ingrid expressasse suas preocupações. Ele ainda estava determinado a se mudar e fazer fortuna.

Weston tirou o avental e a cesta de Ingrid e sentou-se na cadeira.

— Tem que admitir, foi bastante engraçado.

— Por que está aqui? — Ingrid exigiu, batendo o pé. — Eu disse que não queria lhe ver.

— Eu provavelmente deveria ir — disse Verna. — Minha mãe deve estar me procurando.

— O noivado já foi anunciado? — Weston perguntou, pegando a outra metade do sanduíche de Ingrid.

— Não vai ser, se eu puder evitar — disse, colocando seu xale. Ela juntou seus pertences e caminhou para beijar Ingrid na bochecha. — Passe amanhã se puder — acenando para Weston, ela deu um sorriso. — Deixe-a cozinhar um pouco. Então ela estará de volta ao seu eu encantador normal.

Uma brisa fria varreu a estufa quando Verna abriu a mesma porta que Weston havia atravessado momentos antes. Ingrid bufou e se jogou na cadeira que a amiga desocupara. Ela lançou um olhar para Weston. Maldito seja por ser tão bonito!

— Irá mesmo?

Weston terminou o sanduíche e assentiu.

— Vamos partir em dois dias.

— Por que tão cedo?

Weston deu de ombros.

— Clay quer partir o mais rápido possível, e precisamos entrar na caravana em maio. Ouvi dizer que as montanhas rochosas são difíceis de atravessar no inverno — Clayton Wilson era o melhor amigo de Weston. Filho de banqueiro, nada lhe faltava.

— Se precisa estar lá em maio, por que está saindo agora?

— Levará mais de três meses para fazer a jornada rumo a Independence.

— Independence?

— Missouri. É onde todos se reúnem para se juntar à caravana em direção ao Oregon.

— É para lá que vai? — Weston assentiu. — O que irá fazer lá?

Weston deu uma mordida em outro sanduíche.

— Há muito trabalho por lá — disse ele, sobre mordidas. — Vou fazer minha fortuna nas minas. Depois vou achar um bom pedaço de terra para criar gado. Pode até me arranjar uma esposa.

— Uma esposa? — Ingrid estava tentando impedir que sua voz gritasse.

— Vou me certificar de que ela seja uma coisinha bonita também — ele levantou a última mordida de seu sanduíche. — E uma boa cozinheira — levou o pedaço à boca. — Pode plantar um jardim e cultivar toda a nossa comida — ele se recostou na cadeira e cruzou os dedos atrás da cabeça. — Eu mencionei que ela teria que ser bonita?

Os olhos de Ingrid se arregalaram quando percebeu que Weston estava brincando com ela.

— Bem, espero que ela tenha verrugas por todo o nariz e não saiba

distinguir uma erva daninha de uma flor.

Weston riu do fundo de sua barriga. Ele se inclinou e pegou uma flor da cesta que colocou no chão. Inclinando-se, ele deu um tapinha no nariz de Ingrid com a haste verde.

— Meu amor, não tem verruga no nariz.

— Está me pedindo para ir contigo?

— Não. Eu estou pedindo para esperar.

— Esperar? — ela enrolou a ponta da saia com os dedos, apertando o tecido até amassá-lo.

Weston deixou cair a flor de volta na cesta e se inclinou apoiando-se nos braços. O sol refletia no ruivo de seu cabelo.

— Sim, esperar. Não sei o que há lá fora.

— Índios — zombou Ingrid. — Caçadores. Animais selvagens — ela apontou o dedo para Weston. — Eu li o jornal.

— Então, também sabe que é uma terra aberta — ele apontou para as nuvens. — Céu mais azul do que já tenha visto. A terra é tão fértil que tudo o que precisa fazer é jogar algumas sementes e terá uma colheita além dos seus sonhos mais loucos — ele suspirou com o pensamento. — O risco vale a recompensa.

— Por que não ficar aqui? Poderá se casar, constituir família, trabalhar no escritório de arquitetura. Os edifícios estão subindo todos os dias. Ou poderá se tornar supervisor nas docas. Não há nada de errado com isso.

Weston zombou.

— As docas transformam os jovens em velhos. Eu não vou fazer isso. Eu quero trabalhar para mim. Trabalhar a terra. Eu tenho sonhos, Ingrid.

— Que tipo de sonhos?

Weston ergueu a mão e fez uma panorâmica no ar.

— Vejo um grande pedaço de terra, pontilhado de gado. Gado que crio. Há uma grande casa cheia de crianças.

— Quantos filhos?

— Pelo menos uma dúzia.

Ingrid pôs a mão na barriga.

— Uma dúzia? É um número e tanto.

— Tem que ter muitos. Para trabalhar a terra — disse.

— Não vou ter uma dúzia de filhos.

— Ainda não te perguntei — ele disse com uma piscadela.

— É incorrigível.

— Já fui chamado de pior — ele sorriu. — Prometa-me que vai esperar, Ingie.

— Eu odeio quando me chama assim.

— Então como devo chamá-la? Nós nos conhecemos por quase toda a nossa vida. Não reclamou quando eu te chamei assim antes.

— Não sei. Ingrid?

— Hmmmm. Vou pensar sobre isso.

— Eu não vou esperar.

Os olhos de Weston dispararam em surpresa.

— Por que não?

Ingrid acenou com o braço no ar.

— Quem sabe quanto tempo vai demorar para chegar lá. Quando se instalar, terá se esquecido de mim. Estarei aqui sentada ansiando por uma carta que sei que nunca chegará.

— Ansiaria por mim, Ingrid?

— Não seja idiota — disse ela, batendo o pé no chão. — Eu não quero que vá.

Weston deu um pequeno sorriso.

— Bem, eu vou. Escreverei assim que encontrar um lugar para me instalar e gostaria de pensar que viria se juntar a mim.

Ingrid não queria nada mais do que tirar aquele sorriso bobo do rosto dele. Mas Mamai ensinou a ela que não era elegante mostrar seus sentimentos.

— Por que não posso ir agora?

Ela se sentia como uma criança petulante incapaz de fazer o que queria. Mas este era Weston. Ela não queria que ele deixasse Boston. *Que a deixasse.*

— Ingrid — ele passou a mão pelo rosto, esticando suas belas feições. — Eu não quero que nada aconteça contigo. Não vai ser uma jornada fácil. Este é apenas o segundo ano em que caravanas atravessam o país. É bastante perigoso.

— Bem, me disse que Clayton vai. Não consigo imaginá-lo se saindo bem em uma viagem como essa. Ele pode sujar o terno.

Clayton conheceu Weston quando o Sr. Wilson estava fazendo um tour pelas docas. Os dois rapazes tornaram-se amigos instantaneamente.

— Seu pai tem uma ideia para ele se casar antes do verão. Conhece Clay, ele nem sempre escuta.

— Isso pode torná-lo mais responsável — concordou Ingrid.

Clayton tinha uma reputação com as mulheres, e nem tudo era favorável. Era por isso que o Sr. Wilson esperava que seu filho amadurecesse, se fosse forçado a se casar e ter um herdeiro.

Casamentos arranjados eram mais comuns entre a classe alta. Ela provavelmente fugiria se seus pais arranjassem alguém para se casar com ela. Os pais de Ingrid queriam que ela se casasse por amor... se o homem tivesse meios para sustentar a filha.

— Não é minha luta. Pelo que ouvi, a mulher com quem sua família quer que ele se case não é nada atraente. Ela é muito teimosa e eu não ficaria surpreso se tivesse verrugas no nariz.

— Ingrid! — uma voz chamou da passarela.

— Precisa ir agora — disse Ingrid. — Na estufa, Mamai!

Weston lançou um olhar para ela.

— Por quê? Não estamos fazendo nada.

— Eu disse que não queria vê-lo.

A Sra. Aland entrou na estufa e respirou fundo.

— Adoro o perfume das flores no inverno — ela era uma mulher pequena, com cintura grossa e quadris mais grossos. Seu cabelo castanho escuro estava em cachos apertados sob o gorro e eles balançavam enquanto ela andava. Ao avistar o canteiro de flores, parou e olhou para Ingrid. — O que aconteceu com minhas flores?

— Fui um pouco zelosa demais na minha capina.

— Hmm — disse a Sra. Aland. — Por favor, preste mais atenção da próxima vez, Ingrid.

— Sim, senhora.

— Boa tarde, Sr. Chapman — a Sra. Aland disse se aproximando de onde o jovem casal estava sentado. Ela cruzou os braços e os observou com uma expressão interessante no rosto.

— Sra. Aland — Weston ergueu a xícara de chá de Ingrid e tomou um gole.

— Isso é horrível — disse ele, devolvendo-o a ela.

A Sra. Aland deu um pequeno sorriso.

— Eu não pensei que fosse do tipo que gostasse de chá.

Weston riu.

— Não senhora, não sou.

Ela olhou ao redor do jardim.

— Onde está, Verna?

— Ela teve que ir embora, Mamáí.

— Estava aqui desacompanhada?

Weston se levantou.

— Não, senhora. Ela acabou de sair.

A Sra. Aland assentiu.

— Vai ficar para o jantar, jovem?

— Não — respondeu Ingrid rapidamente.

Os cantos da boca de Weston se ergueram.

— Eu gostaria muito disso, Sra. Aland. Obrigado pelo convite — ele lançou um olhar furioso para Ingrid. — Aceito.

— Amável. Por que não entra agora? Quero que me fale sobre essa ideia tola de ir para o oeste.

— Se vai entrar, pode pelo menos levar a bandeja — Ingrid entregou a Weston a bandeja com uma chaleira, duas xícaras e um prato com migalhas de sanduíche.

— Vem também, Ingie? — ele perguntou.

Ela não se incomodou em corrigi-lo.

— Eu estarei junto em um minuto. Preciso guardar minha cesta.

Weston seguiu a Sra. Aland de volta para casa, com a bandeja na mão. Ela podia ouvi-lo contar a sua mãe sobre os preparativos da viagem para Independence. Suas vozes podiam ser ouvidas enquanto caminhavam pela passarela e desapareciam dentro da casa.

Ingrid ficou sentada na cadeira por mais um momento quando sentiu uma

lágrima rolar pelo seu rosto. Limpando-o, ela respirou fundo. Não ia chorar e, especialmente, não iria chorar por Weston Chapman. Se o homem queria ser um idiota, isso era problema dele.

Por que ela sentiu como se seu coração estivesse quebrando em um milhão de pedaços?

Precisava falar com Verna. Talvez se fosse um grande grupo de pessoas viajando, como disse Weston, elas pudessem pegar sua própria carroça e se juntar a eles. Isso é o que ela faria.

Não precisava viajar com Weston Chapman. Poderia encontrar uma passagem para ela e Verna, para onde quer que fosse.

Estava decidido.

Conversaria com Verna e insistiria para que sua melhor amiga a acompanhasse na viagem. Isso resolveria o problema das duas. Ingrid ficaria com Weston e Verna não seria forçada a um casamento arranjado.

Sentindo-se melhor, pegou a cesta e o avental e se dirigiu ao galpão nos fundos do jardim. O jantar seria bom para ela. Ouviria tudo o que Weston tinha a dizer sobre seus planos e depois visitaria Verna logo pela manhã.

Colocando a cesta e o avental no galpão, limpou o vestido e voltou para a casa, cantarolando uma música. Tudo o que precisava fazer era colocar seu plano em ação.

CAPÍTULO 2



— O que está fazendo? — Weston Chapman empurrou o chapéu para trás, de modo que apenas descansasse no alto da cabeça.

— Estou comprando suprimentos — disse Ingrid, examinando uma seleção de vassouras enfiadas em um barril de carvalho.

— Suprimentos?

— Sim. Ouvi dizer que há uma caravana partindo para Independence. É possível que eu esteja nela — ela pegou uma vassoura e se virou para Weston. — Será que essa aqui vai ser boa para levar? Ouvi dizer que tem muita poeira em alguns lugares.

— Ingrid! — alertou. *Esta mulher ia ser a sua morte.* — O que eu preciso fazer para colocar na sua cabeça que não irá no comboio amanhã? — Weston pegou a vassoura de suas mãos e a colocou de volta no barril. — Dê-me o resto de seus itens — ele curvou os dedos.

Ingrid olhou para ele por trás de cílios grossos. Seus olhos castanhos piscaram em inocência.

— Tanto faz, Weston Chapman. Sou uma mulher adulta e posso decidir o que é melhor para mim — ela se virou com um movimento de tecido e correu em direção à porta. — Eu volto mais tarde, Sr. O'Brien — disse ela acenando para o lojista. O'Brien balançou a cabeça e voltou a atender seu cliente.

Weston tentou não sorrir. Não havia ninguém como Ingrid Aland. Ela era a única pessoa que sempre o fazia feliz. Eles eram amigos desde a infância e, embora Weston tivesse visões de se casar com ela, sabia que ela era muito jovem. A mãe de Weston era casada e tinha filhos quando tinha dezessete anos e, aos quarenta, não envelhecera bem.

Ingrid era pequena, chegando até o meio do peito. A altura certa para beijar, pensou Weston. Tinha exuberantes lábios rosados e cachos da cor do carvão. Ainda não usava o cabelo preso, mas, em vez disso, o mantinha puxado para trás em um laço.

Weston queria tocar um daqueles cachos e ver se ele se enrolaria em seu dedo. Sua pele era pálida, mas ganhava um pouco de cor no verão, quando ela trabalhava no jardim. Weston não tinha dúvidas de que se casaria com ela. Ele só queria esperar pelo menos dois anos e *ir para o Oregon*. Se sua família aprovava, seria uma questão diferente. Gostavam dele com certeza, mas ainda gostariam se soubessem de seus pensamentos em relação à filha?

Weston suspirou. Precisava voltar para a carroça. Foi puramente por acaso que ele passou pela janela do mercantil. Quando o Sr. O'Brien mencionou Ingrid viajando no comboio, Weston quase explodiu ali mesmo. Ele informou ao lojista que de modo algum Ingrid viajaria e que devolveria suas compras às prateleiras.

Weston e Clay planejaram essa viagem desde os dezesseis anos. Eles não tinham ideia de como iriam para o Oeste; apenas sabiam que queriam ir. Se debruçaram sobre os mapas criados por Ben Franklin e, planejaram e guardaram cada centavo para que pudessem ir quando chegasse a hora certa.

Weston continuou a economizar quando Clay foi para a escola. Quando seu amigo voltou, eles retomaram o planejamento mais uma vez.

Depois de economizarem por quase quatro anos, tinham o suficiente para uma carroça, bois, suprimentos e para pagar a taxa do carroceiro.

Eles sonhavam em ir para o oeste e ver os lugares que Daniel Boone, Kit Carson, Jim Bridger e Hugh Glass exploraram. Não funcionou muito bem para Hugh, pois ele foi atacado por um urso e deixado para morrer por seus companheiros, mas sobreviveu e rastejou trezentos quilômetros em busca de ajuda. A história da sobrevivência e do perdão de Hugh Glass eram as coisas das quais as lendas eram feitas.

Por um acaso, eles ouviram falar das caravanas que vinham de Nova York para o oeste. A notícia viajou e, eventualmente, pessoas de Boston e arredores estavam fazendo o percurso. Era uma longa jornada. Quase três meses para chegar a Independence e depois mais cinco meses para chegar a Oregon.

Mas quando se chegava lá... nossa! Havia muitos empregos disponíveis. A terra era barata, e um homem podia abrir caminho.

Os rapazes planejavam esperar mais um ano para economizar mais dinheiro, mas então Clay veio apressado avisar Weston que seus pais estavam arranjando para ele se casar com alguma socialite. Clay queria ir embora imediatamente.

A mulher com quem Clay se casaria devia ser bastante feia, já que ele não queria ao menos aceitar o casamento. Quando Weston perguntou, Clay disse que não sabia. Ele não tinha conhecido a mulher. Tudo o que sabia era que ela era muito pequena e de uma das famílias mais ricas de Boston.

Eles encontraram uma caravana que partiria depois do primeiro dia do ano e passaram os três meses seguintes planejando se juntar a ela. Estavam levando apenas o mínimo necessário para a viagem até Independence. Assim que chegassem ao Missouri, poderiam comprar suprimentos para o restante da viagem.

— Obrigado, Sr. O'Brien — disse Weston e saiu para voltar ao coche.

As carroças estavam alinhadas no pátio coberto e os bois em um grande curral. Clay estava se movendo em torno de barris na parte de trás da carroça. Weston pulou na carroceria e olhou para dentro.

— Acho que é isso — disse Clay. — Quero pegar mais pólvora negra no mercantil, mas não consigo pensar em mais nada de que precisamos.

— Já atirou com um rifle, Clay?

O jovem de cabelos loiros desgrenhados balançou a cabeça.

— Toda carroça tem um fuzil. Acho que deveríamos ter um também.

Weston apenas sorriu. Seu amigo não tinha ideia de como o mundo exterior funcionava. *Acho que dinheiro vem com privilégios*, pensou Wes. Ele não tinha dúvidas de que Clay estava focado nessa viagem, mas talvez Ingrid estivesse certa. Clay estaria pronto para a tarefa?

Weston olhou para a carroça. Eles a compraram e uma parelha de bois, de um fazendeiro por quarenta dólares. Não parecia apta para o serviço, mas o fazendeiro apontou como o leito da carroça era sólido com acessórios de ferro reforçado e ferro cobrindo as rodas. Não precisava ser bonita, só precisava levá-los ao rio Ohio. Lá a venderiam com os bois e a maior parte das coisas da carroceria, e pegariam um barco fluvial para Independence.

Weston nunca tinha visto um barco a vapor antes, mas já tinha ouvido falar deles. Ele mal podia esperar até que estivessem a caminho, e Boston fosse apenas uma lembrança.

A carroça tinha 1,5 metros de largura por 2,5 metros de comprimento. Dois baús grandes os acompanhariam durante toda a viagem, junto com um pequeno cheio de ferramentas. O resto do espaço estava ocupado com barris de água e vários alimentos necessários para a viagem. Panelas de ferro estavam pregadas nos aparadores e havia uma despensa de madeira cheia de pratos, talheres e potes de sal, açúcar e vinagre. Como ainda era inverno, levavam uma pilha de cobertores grossos.

Havia um nó na parte de trás onde amarrariam os cavalos para a viagem. Os cavalos os acompanhariam durante todo o caminho.

O forro foi puxado firmemente sobre os arcos. A corda enrugada foi enfiada na lona e, quando Weston a puxou com força, ela se apertou em um pequeno orifício e selou os pertences dentro. No momento, estava solto, permitindo que Weston visse o interior da carroça. Clay tinha feito um bom trabalho organizando as coisas. Eles não tinham todos os móveis e pertences que os outros vagões tinham, então havia mais espaço para as coisas que eram importantes para eles. *Como comida*.

— Acha que aquele pedaço de bacon ficará bem, pendurado aí? — Weston apontou para um saco de linho amarrado a um dos arcos. — Não vai derreter no sol?

— Não está quente o suficiente agora. O restante do bacon e do toucinho estão embalados nesses barris — Clay bateu com a mão em dois barris menores na carroça. — Fui à serralha e peguei aparas, então devemos ficar bem. Isso — disse apontando para o bacon pendurado na proa —, é para nós comermos enquanto estivermos viajando.

Weston pôs o pé na carroceria e cruzou os braços sobre o joelho.

— Acabei de perceber que não temos cozinheiro. Posso cozinhar um pouco no fogo. Sabe cozinhar?

Clay coçou a cabeça.

— Acho que em todo o nosso planejamento não pensamos nisso. Bem, quão difícil pode ser? Temos uma frigideira e tenho certeza de que é fácil fazer ovos mexidos. A menos que... — Clay deixou as próximas palavras não ditas e ergueu a sobrancelha.

— A menos que, o quê?

— Case-se com aquela moça bonita e traga-a conosco.

Weston ergueu as mãos.

— Absolutamente não. Não vou arriscar Ingrid por aí e certamente não vou pedir que ela venha cozinhar para nós.

— Bem, foi apenas um pensamento — Clay sorriu. Weston se perguntou se seu melhor amigo levava alguma coisa a sério. Clay saiu da carroça e levantou a tábua, colocando-a nas aberturas que a prendiam na parte de trás da carroça.

— Tudo pronto?

— Acho que temos tudo. Se esquecermos alguma coisa, teremos que viver sem ela até chegarmos a Independence.

Clay deu um tapa no ombro de Weston.

— É melhor termos uma boa-noite de sono. Esta será nossa última noite dormindo em uma cama quente por um tempo.



— Pare de empurrar, Verna — sussurrou Ingrid. O ar estava abafado sob os cobertores de lã. Estava escuro e frio quando elas se esgueiraram na parte de trás da carroça e Ingrid ficou feliz por ter algo quente para se aconchegar. Agora ela só queria respirar.

— Não tem um cabo de machado nas costas — Verna deu um pequeno bufo. Os cobertores levantaram-se um pouco, convidando um pouco de ar por baixo. — Por que a deixei me convencer dessa ideia maluca?

— Porque me ama — Ingrid riu baixinho. — E não queria ficar em Boston para se casar com o Sr. Cranky Britches.

— Ele só está rabugento porque seus pais também o estão forçando a se casar.

— Nem o conheceu, Verna.

— Não, não conheci e não tenho intenção de fazê-lo — ela levantou um pouco o cobertor para deixar entrar mais ar. — Por isso, eu estou presa aqui, entre um monte de barris contigo. E debaixo de um cobertor de lã, no entanto.

— Com um cabo de machado nas costas.

— Sim. Com um cabo de machado nas costas.

A carroça tinha acabado de começar a viagem para Independence, e eles não estavam há mais de meia hora na estrada. Ingrid, convenceu Verna a fugir com ela. Se esgueiraram para a carroça que Weston e Clay estavam usando para ir para o oeste e se amontoaram entre barris de farinha, fubá e café. Cada mulher trouxe uma pequena bolsa de viagem, convencendo-se de que conseguiriam suprimentos na próxima cidade. A essa altura, seria muito longe para voltar.

Podiam ouvir Weston e Clay conversando baixinho no banco. Ingrid deu

um suspiro de alívio por eles não terem percebido que alguém havia se escondido na traseira da carroça. Eles viajaram em silêncio por alguns minutos, então a carroça balançou sob Ingrid, empurrando-a mais uma vez. Gemeu, endireitando-se para uma posição sentada para que pudesse mover o cobertor e respirar. Não conseguia ver nada sob a coberta e estava suando. *Precisava sair.*

A roda da carroça caiu em outro sulco na estrada. Ingrid sentiu que estava caindo. Estendeu a mão contra um cano para se firmar, mas o cano caiu para o lado com um baque.

Oh, que problema, ela pensou. Olhando para cima para fazer uma oração rápida, ela notou que havia um bacon balançando. Ele se movia para a esquerda e para a direita e depois girava em um círculo.

Ingrid prendeu a respiração, ouvindo para ver se os homens achavam que algo estava errado. Eles não pareciam notá-las. Devia ser Clay conduzindo, porque não havia dúvidas de que quem quer que estivesse segurando as rédeas, nunca havia dirigido uma carroça antes.

— Talvez não tenha sido uma boa ideia — Verna sugeriu enquanto a carroça balançava mais uma vez.

Ingrid estava começando a pensar o mesmo. Mais um solavanco e o bacon se soltou e despencou em direção a elas. Ingrid levantou os braços para bloquear o golpe. O bacon bateu em seus braços e ela soltou um gritinho quando o mesmo caiu ao chão.

Houve uma comoção no banco e Ingrid olhou horrorizada enquanto a corda enrugada se expandia, permitindo que os homens olhassem para a parte de trás da carroça. Ingrid se encolheu quando as sobrancelhas de Weston se ergueram de surpresa. Seus olhos se moveram de Ingrid para Verna e de volta para Ingrid.

— Weston... — disse Ingrid, recostando-se no bacon que havia caído. — Eu posso explicar.

Os olhos de Weston se estreitaram e ele levantou a mão sinalizando para ela ficar quieta. — Clay — rosnou. —, pare a carroça.

CAPÍTULO 3



Weston não conseguia acreditar que Ingrid o desafiara deliberadamente. Seus dedos estavam cerrados com tanta força que ele sabia que haveria marcas de unhas na palma da mão. Ingrid estava assustada... *como deveria estar*. Ele nunca sonhou em mil anos que ela tentaria se esconder em sua carroça. Se não fosse pelo pedaço de bacon caindo, quem sabe o quão longe eles teriam viajado antes de perceber que ela estava lá.

Ela estava esparramada entre os barris tentando levantar a saia para poder ficar de pé. Quando ela finalmente rolou de joelhos, sentou-se sobre os calcanhares e olhou para ele.

— Weston — ela começou.

— Ingrid — disse ele com os dentes cerrados. — Não. Nem fale comigo agora — ele viu o lábio inferior dela tremer e as lágrimas se acumularem em seus olhos. Teve que desviar o olhar, para não correr para a parte de trás da carroça e pegá-la em seus braços. Seus olhos passaram por Verna, que ainda estava presa no cobertor de lã. — E trazer sua melhor amiga? Isso está colocando as duas em perigo.

A carroça estava parada no meio da estrada. Clay não queria puxá-lo para o lado na terra, caso não conseguisse tirar as rodas do solo macio.

— Wes — Clay sussurrou. —, Young está chegando.

Weston se virou para ver o carroceiro, Henry Young cavalcando em sua direção. Ele não queria ter problemas tão cedo. Henry parou ao lado da carroça.

— Qual o problema? — Henry perguntou, puxando as rédeas para acalmar seu cavalo.

— Nada que não possamos lidar — disse Wes, esfregando a mão no rosto. Houve uma leve comoção na parte de trás da carroça e Weston viu Ingrid tentando se levantar. Henry também viu.

— Tem mulheres na parte de trás do vagão? — Henry não gostou. Ele havia explicado as regras antes de partirem, e passageiros extras não faziam parte do que havia exposto. Ele apontou para Ingrid. — Essa é a sua esposa?

Weston desceu da carroça e caminhou até a parte de trás. Ingrid estava tentando espanar o pó de farinha de sua saia.

— Não senhor. Ela não é. Ela se escondeu nos fundos para tentar vir conosco.

Henry seguiu Weston até onde Ingrid e Verna estavam.

— Alguma das senhoras é casada?

Ingrid olhou para Henry. Weston podia ver as emoções fluuando em seu rosto. Não havia dúvida em sua mente de que Ingrid não tinha pensado tão à frente em suas ações.

— N-n-não, senhor — disse Verna, movendo-se atrás de Ingrid.

— Não há mulheres solteiras na caravana, Chapman. Fui claro?

Weston assentiu.

— Dê-me cinco minutos e as levarei de volta à cidade. Clay pode continuar e o alcançarei assim que puder.

— Três minutos — disse Henry, puxando as rédeas de seu cavalo. Ele começou a cavalgar em direção à frente dos vagões.

Weston se virou. O casal na carroça atrás dele observava toda a cena com grande interesse. *Problemas e fofocas*, pensou Weston. Que maneira de começar uma viagem. Weston desamarrou os cavalos e caminhou até a frente da carroça.

— Vou levá-las de volta à cidade — disse Weston. — O vejo mais tarde esta noite.

Clay olhou para as duas mulheres que haviam se mudado para o lado da estrada.

— Quem é a outra?

— Essa é a amiga de Ingrid.

— Ela quer se casar e cozinhar para nós na trilha?

Weston nem sequer deu uma resposta a Clay.

— Vá em frente. Vou levá-las e trazer de volta os dois cavalos — ele conduziu os cavalos para a área gramada.

— Rolem as carroças — veio o grito do carroceiro.

— Boa sorte, Wes — ele sacudiu as rédeas nas costas dos bois. — Yah! — a carroça avançou com um solavanco. Por fim, Weston voltou-se para Ingrid. — Suba em Rusty — ele disse a ela. — Se precisar de ajuda, me avise.

Ingrid ergueu o nariz e passou valsando por ele, a bolsa balançando à sua frente.

— Eu não preciso de ajuda — disse atrevidamente.

Weston respirou fundo. Ele não sabia se a punia ou a beijava. Agora, o silêncio era provavelmente a melhor opção. Iria falar com Ingrid, assim que deixasse Verna na casa dela. Ele observou sua luta enquanto ela tentava subir no cavalo sem largar sua bolsa de viagem. Cada vez que Ingrid dava um pulinho para se levantar, o cavalo se afastava.

Weston tentou não rir.

Ela estava determinada.

— Isso é bobagem — ela finalmente disse deixando cair o pé. — Não consigo subir nele. Nem tem uma sela lateral.

— Montar é o menor dos seus problemas agora, Ingrid — ele projetou o queixo em direção ao cavalo. — A Mamaí sabe que fugiu? — a julgar pelo

olhar em seu rosto, ele diria que não. — Tudo bem, vamos levantá-la, pode enrolar a perna em volta do chifre da sela — Weston pegou sua bolsa e colocou-a no chão, antes de ficar na frente dela.

— Não fique bravo, Wes — ela disse suavemente. — Eu só não queria que fosse sem mim.

Ele ergueu o queixo dela com os dedos. A raiva ainda borbulhava sob a superfície de suas emoções.

— Querida, estou fazendo o que é melhor. Precisa aprender a confiar em mim, Ingrid — antes que ela pudesse responder, as mãos dele circularam sua cintura e ele a ergueu na sela. — Coloque sua perna em volta do pomo — disse ele, entregando-lhe a sacola. — Preciso ajudar Verna.

Verna passou a bolsa para Weston e montou no cavalo sem nenhuma dificuldade.

— Tive aulas de equitação — explicou ela, pegando sua bolsa.

— Seus pais sabem que fugiu?

Verna fungou.

— Não. Vou apenas dizer a eles que fomos dar uma volta — ela cravou os calcanhares na lateral do cavalo e começou a trotar de volta para a cidade.

Ingrid observou Verna avançando. Ela olhou de volta para Weston.

— Nem pense nisso, querida — disse. Ele se moveu ao lado do cavalo. Segurando o chifre da sela, ele passou a perna sobre o animal com facilidade. — Pode querer se recostar um pouco.

— Estou perfeitamente bem onde estou — ela ergueu o queixo e olhou para frente, com as costas rígidas como uma tábua.

Weston abraçou Ingrid, tomando as rédeas. Ele sentiu Ingrid congelar em seus braços.

— Apenas relaxe, Ingie, sua virtude está perfeitamente segura comigo — ele se inclinou para frente, seu nariz roçando a parte de trás de seu cabelo. Ela cheirava a flores e sol. Fechou os olhos e respirou fundo. Nunca tinha estado tão perto dela antes e tê-la em seus braços era pura tortura.

Ele deu um toque na lateral de Rusty com os calcanhares e eles voltaram para a cidade.

Ingrid não falou muito na curta viagem de volta. Seguiram Verna até sua casa, para que Weston pudesse pegar seu cavalo.

— Eu vou com ela — disse Ingrid, começando a escorregar do cavalo.

— Nem pense em descer desse cavalo — disse Weston. — Nós dois vamos conversar — ele agarrou as rédeas de Rusty e rapidamente montou no outro cavalo.

— Posso segurar as rédeas, muito obrigada.

— Claro — disse ele, inclinando-se para devolvê-las a ela. — E então eu vou contar a seu pai exatamente o que fez — ele ergueu a sobancelha, esperando a resposta dela.

— Ah, que chato — ela balançou um pouco no assento, cruzando os braços sobre o peito.

Weston se virou, para que Ingrid não o visse sorrir. Conduziu os cavalos em direção às docas. Do outro lado, havia um parquinho que só os estivadores conheciam. Seria privado o suficiente para eles conversarem, mas ainda ao ar livre, para que ninguém comentasse.

Quando chegaram ao parque, Weston desmontou e amarrou os dois conjuntos de rédeas a um arbusto. Os cavalos estavam bastante contentes em morder a grama. Ele caminhou até Ingrid e se ofereceu para pegar a sacola. Depois que ela lhe entregou, ele colocou no chão e lhe levantou os braços. Ela deslizou da sela para os braços abertos de Weston, envolvendo os braços em volta de seu pescoço. Ele gentilmente a colocou no chão, mas não tirou os braços da cintura dela.

— Por que não me diz, querida, o que te fez fugir e fazer algo tão impulsivo? — Ingrid desviou os olhos, mas não tirou os braços do pescoço dele. Weston ergueu o queixo dela, então ela estava olhando para ele novamente. — Hmmm? — Ingrid murmurou algo baixinho. — Eu não entendi isso.

— Eu não queria que fosse — sussurrou.

— Por que se esgueirou para dentro da carroça, então?

Ingrid baixou os braços e Weston sentiu a perda imediatamente. Ele, no entanto, recusou-se a tirar os braços dela.

— Eu esperava que, se fôssemos longe o suficiente da cidade, fosse tarde demais para fazer algo a respeito. Como eu poderia saber que Clay era péssimo em conduzir aquela carroça?

Weston deu uma risadinha.

— O que eu faria, querida, se eu ficasse aqui?

— Nós nos casaríamos. Talvez comprássemos uma casa geminada. Tivéssemos um monte de filhos.

— Eu não sou uma pessoa da cidade. Meu coração anseia por lugares que não sejam tão lotados. Onde posso construir uma vida para nós dois — ele deu um beijo gentil em sua testa. — Eu disse que voltaria para buscá-la, Ingrid.

— Como posso saber isso? Estamos juntos desde sempre. Não sei o que farei sem ti. Provavelmente chegará à Califórnia e encontrará outra pessoa.

Weston ergueu a mão dela e a colocou em seu peito. Ele curvou seus dedos sobre os dela e os manteve lá.

— Sente este batimento cardíaco? — Ingrid apoiou a mão no peito dele e assentiu. — Isso bate por ti. Ninguém mais.

— Realmente? — Ingrid murmurou.

— Absolutamente — disse ele, roçando levemente seus lábios. — Ninguém além de ti — Seus lábios cobriram os dela e ele a puxou para mais perto. Levou apenas um minuto para Ingrid levantar os braços mais uma vez. Quando ele finalmente quebrou o beijo, ambos estavam ofegantes.

— Nunca me beijou antes — disse Ingrid sem fôlego.

— Todos aqueles beijos que eu perdi. Promete que vai esperar?

— Eu - eu não posso — disse Ingrid. — Não quero que meus pais me encontrem um marido. Quando és tudo que eu quero. Tudo que eu sempre quis.

— Ingrid — disse mais uma vez, capturando seus lábios. Quando ele se afastou, os olhos dela estavam fechados. Ela os abriu lentamente e olhou para ele. — Sabe que eu te amo, querida.

Ela balançou a cabeça.

— Nunca me disse.

— Vou ter que corrigir isso. Eu te amo, Ingrid Aland. Quer se casar comigo?

— Sim. Sim. Sim! — disse pulando em seus braços. Ela beijou sua bochecha. — Eu também te amo — de repente, ela colocou as pontas dos dedos sobre os lábios. — Oh! Precisamos contar aos meus pais. O casamento não deve ser muito grande. Eu posso...

Weston agarrou os dois braços dela, prendendo-os ao lado do corpo.

— Eu não vou ficar, Ingrid.

— Mas acabou de dizer...

— Eu sei o que eu disse. Eu não percebi o quanto eu te amava. Quando te vi na parte de trás da carroça, não pude acreditar — ele a puxou para mais perto. — Eu morreria se alguma coisa acontecesse contigo.

— Então, não vamos nos casar? — Ingrid resmungou.

— Podemos ir à justiça agora mesmo e nos casar. Nós dois. Então saberia que pertencemos um ao outro — Ingrid assentiu, enquanto Weston a puxava para seus braços. — Depois, iremos contar a seus pais.

— Vai me fazer ficar aqui, não é?

— Só até encontrarmos um lugar para nos estabelecermos. Depois lhe mandarei um recado e pedirei que venha até mim.

Ingrid mordeu o lábio inferior. *Ou ela está pensando, ou tramando*, pensou Weston.

— Podemos ter uma casa com jardim?

Weston sorriu.

— Farei o maior jardim de todos os tempos.

Ingrid deu a ele um sorriso que fez seu coração cantar.

— Vamos nos casar, Weston.

CAPÍTULO 4



MARÇO DE 1840

Fazia sete semanas desde que Weston partiu para encontrar o comboio de vagões novamente. Sete semanas desde que Ingrid beijou seus lábios ou passou os dedos por seu cabelo. Poderia fazer isso agora. *Era sua esposa.*

Sufocando um bocejo, Ingrid segurou com mais força a cabeceira da cama enquanto Sarah puxava as fitas do espartilho. Ela estava tão cansada ultimamente e dormiu até tarde. Agora, ela estava atrasada para tomar café da manhã com sua mãe. Elas iriam até a cidade fazer compras, mas Ingrid queria se deitar e tirar uma soneca.

— Não consigo apertar mais, Srta. Ingrid.

Ingrid soltou um suspiro. Ela não achava que tinha engordado, mas o espartilho não cabia mais em sua cintura. — Tudo bem, Sarah. Vamos deixar passar. — endireitou-se, mas era como se milhares de correntes estivessem enroladas em sua cintura. — Afrouxe um pouco e eu vou me vestir.

Ela sentiu Sarah puxar os laços para afrouxá-los e depois apertá-los mais uma vez.

— O que vai vestir hoje?

— Vou usar o vestido azul. Aquele com renda. Mamaí mencionou que o reverendo passaria por aqui esta tarde.

Sarah escolheu o vestido no guarda-roupa e ajudou Ingrid a passá-lo pela cabeça. Ingrid se contorceu para ajustá-lo ao corpo, depois Sarah fechou os botões nas costas. Ela podia sentir Sarah puxando o tecido.

— Não consigo aproximar o tecido o suficiente, senhorita.

Ingrid gemeu. Por que as roupas dela não serviam?

— Tudo bem, então. Vamos de saia azul e blusa branca. Ela se inclinou para frente para que Sarah pudesse puxar o vestido pela cabeça. Sarah o pendurou de volta enquanto Ingrid vestia sua saia. Ela vestiu a blusa e tentou abotoar a frente. Ajustava-se na parte superior e inferior, mas havia uma grande abertura onde o tecido cobria o peito. Ela puxou até conseguir que o tecido se encontrasse e fechou o último botão.

Soltando um suspiro, mirou-se no espelho. Ela havia notado pequenas diferenças na última semana. Seu rosto estava mais inchado e tinha dificuldade em calçar as botas. Até as luvas, estavam apertadas. Agora suas roupas não serviam. Se não tomasse cuidado, ficaria tão grande quanto um

dos muffins da padaria da Sra. Butter.

— Talvez devesse ir ver o médico, senhorita — Sarah sugeriu. — Talvez esteja doente.

Ingrid balançou a cabeça.

— Estou bem. Não há nada de errado comigo — não queria que se espalhasse que estava ganhando peso, em vez disso, apenas cuidaria de suas porções. Acariciando o cabelo, ela pegou um xale para colocar sobre os ombros. Bastaria para que as aberturas da blusa não aparecessem.

Dispensando Sarah, Ingrid desceu as escadas para a sala de jantar, onde sua mãe estava passando geleia em uma torrada.

— Bom dia, Ingrid — disse Mamaí. — Há um pouco de chá — ela apontou para a chávena com a faca antes de voltar para a geleia.

Ingrid escolheu uma xícara de porcelana do aparador e deslizou para a cadeira.

— Bom dia, Mamaí — disse suavemente, servindo-se de uma xícara de chá. Ela acrescentou um pouco de leite e um cubo de açúcar. Mexendo o chá, ela tomou um gole e acrescentou mais dois cubos de açúcar. Enquanto tomava seu chá, notou que Mamaí estava olhando para ela. — O quê? — perguntou.

— Como está se sentindo, Ingrid?

Ingrid apertou mais o xale sobre os ombros.

— Bem. Por que a senhora pergunta?

Mamaí deu de ombros e ofereceu a Ingrid uma torrada com geleia.

— É morango. Florence fez ontem com as primeiras frutas do jardim.

Ingrid mordeu a torrada com prazer. Foi tão bom que ela engoliu em três mordidas.

— Posso comer outra?

— Talvez devesse ter mais cuidado com o que come, Ingrid. Nenhum marido quer uma esposa robusta.

Ingrid pegou outro pedaço de torrada e acrescentou um pouco de geleia do prato de cristal sobre a mesa.

— Não estou comendo tanto assim, Mamaí — insistiu.

— Bom dia, Chicken Little — Leon disse entrando na sala. Leon insistia em chamar Ingrid de Chicken Little, pois era uma de suas histórias favoritas enquanto crescia. — Bom dia, Mamaí — Leon beijou a mãe na bochecha e pegou uma xícara, enchendo-a de café antes de se sentar.

— Onde está Eli? — perguntou Ingrid. Seus irmãos eram ambos mais velhos do que ela. Leon por sete anos, Elias por cinco.

— Ele saiu cedo esta manhã. Mencionou algo sobre ver um cavalo novo que Charles comprou — Charles era o primo deles que morava várias casas adiante. — O que fará hoje?

— O reverendo Michaels virá tomar chá esta tarde — respondeu Mamaí.

— Isso é bom. Vou me ausentar.

Florence entrou na sala de jantar e colocou um prato com uma omelete fofa na frente de Mamaí.

— O que o senhor gostaria, Mestre Leon?

— O que há nisso? — perguntou à mãe, tirando uma torrada do suporte de prata no meio da mesa.

— Apenas queijo.

— Eu vou querer o mesmo e nós temos bacon?

Florence assentiu.

— E para a senhorita?

— Eu também — respondeu Ingrid. Florence saiu e Ingrid olhou para a mãe. Mamaí levantou a sobrancelha em um questionamento silencioso. — Estou com fome.

— Nunca come ovos — observou Mamaí.

— Bem, eles me parecem bem esta manhã — Ingrid terminou seu chá. Ela ouviu Leon falar sobre a nova ferrovia que seguia para o Oeste. Seus ouvidos se animaram quando ele mencionou Independência. — Há um comboio indo para Independence? — perguntou, tentando se envolver na conversa.

Leon assentiu.

— Eventualmente, tio Owen terá um que se estenderá até o oeste — Owen Aland era irmão do pai deles. Fez fortuna projetando e construindo ferrovias. Os trens transportavam principalmente agricultura, gado e suprimentos para o oeste do Mississippi.

— Eles estão transportando pessoas? — perguntou Ingrid. Isso tornaria mais fácil viajar para a Califórnia. Uma vez que ela tivesse notícias de Weston, talvez perguntasse ao seu tio Owen se poderia acompanhá-lo em uma de suas viagens para o oeste.

— Eu não acho. As acomodações são muito primitivas agora.

Florence entrou na sala de jantar mais uma vez, colocando os pratos na frente de Ingrid e Leon.

— Gostariam de algo mais?

Leon balançou a cabeça e comeu seus ovos com prazer.

— Nada mais para mim — disse Ingrid. Ela se recostou na cadeira e olhou para o prato com nojo. O bacon estava no prato, as minúsculas gotas de gordura grudadas nele. O cheiro de carne e gordura encheu suas narinas, e ela sentiu seu estômago revirar. Seus olhos se voltaram para Mamaí, que a observava atentamente.

— Ingrid? Está bem, querida?

Ingrid olhou para Mamaí, depois para Leon.

— Com licença — disse, cobrindo a boca e saindo correndo da sala.

Mamaí a seguiu enquanto ela corria para o quarto e pegava o penico bem a tempo de perder a torrada e a geleia. Mamaí molhou um pano na bacia com água e passou para Ingrid.

— Lave o rosto, criança, e depois conversaremos.

Ingrid sentiu o estômago embrulhar mais uma vez, mas não havia nada para vomitar. Ela enxugou o rosto com o pano frio e o devolveu à mãe.

— Vamos levá-la aos médicos para confirmar e então precisará de roupas

novas.

— Confirmar?

— Está grávida. Isso explica por que não cabe em suas roupas e fica faminta o tempo todo — Mamaí deu um pequeno suspiro. — Mas eu sabia, pois cada vez que engravidei não suportava ficar perto do cheiro de carne. Seu pobre pai — ela riu. —, ele teve que ir visitar seus amigos para comer um bife. Caso contrário, tudo o que ele teria comido eram vegetais.

Grávida? A mão de Ingrid foi instintivamente para sua barriga. Ela estava grávida de um filho de Weston.

A euforia se transformou em pavor em um instante. Ninguém sabia que eles eram casados, exceto os pais dela, os pais dele e Verna. Eles nem anunciaram o casamento no jornal. Agora, se o fizessem, a maioria das pessoas presumiria que era por causa da criança, ou pior ainda, que a criança pertencia a outra pessoa.

Os pais de Ingrid não ficaram surpresos quando Weston apareceu na porta naquela tarde de abril, proclamando Ingrid como sua esposa. Ela sabia que Weston não era a primeira escolha de sua mãe, mas se Ingrid estivesse feliz, sua mãe apoiaria o casamento. O Sr. Aland insistiu que Weston passasse a noite e voltasse para a caravana pela manhã; ele queria uma oportunidade de falar com o jovem antes de partir mais uma vez.

Ingrid nunca tinha estado tão feliz como estava, deitada em seus braços naquela noite. Ela caminhou até a cama e se jogou no colchão de forma dramática. Amassando o travesseiro, ela o colocou debaixo do corpo enquanto soluçava silenciosamente.

— Não sei o que fazer, Mamaí — suas lágrimas começaram a cair, encharcando o travesseiro debaixo de sua cabeça. Ela estava enrolada de lado, com as mãos sob a bochecha. Mamaí sentou-se na beirada da cama e lhe esfregou suavemente as costas.

— Vai dar certo, doce menina. O Senhor tem um plano.

Ingrid fechou os olhos, concentrando-se na sensação da mão de sua mãe se movendo em um círculo.

— Sinto tanto a falta dele — disse ela.

— Eu sei. E tenho certeza de que se ele soubesse que estava grávida, ele estaria no próximo comboio de volta para casa.

— Eu gostaria que ele me levasse com ele.

A mão de Mamaí circulou as costas de Ingrid mais uma vez.

— Ele estava pensando que estaria mais segura aqui. Cercada por sua família. Ninguém realmente sabe quais são as dificuldades lá fora.

— Eu sei. Mas é tão difícil — Ingrid enxugou as lágrimas com as costas da mão. — Eu não quero ter o filho dele sozinha.

— Então devemos encontrar uma maneira de levá-la lá fora com seu marido — Mamaí deu um tapinha nas costas dela. — Não se preocupe, criança. Nós vamos descobrir como — ela se inclinou e beijou a bochecha de Ingrid. — Pense. Eu vou ser avó — ela deu uma risadinha e caminhou até a

porta.

Ingrid observou sua mãe sair e fechar a porta atrás dela. Respirando fundo o máximo que seu espartilho permitiu, ela fechou os olhos e sonhou em ver seu marido mais uma vez.



ABRIL DE 1840

Weston fechou os olhos e sentiu o vento no rosto. Depois de dormir ao ar livre no frio por quase três meses, ele ficou feliz por finalmente sentir o clima quente.

Foram sessenta dias de cavalgada intensa de Boston a Marietta, Ohio. Então ele e Clay embarcaram em um navio a vapor para Independence, Missouri. Foi fácil vender a carroça e os bois quando chegaram a Marietta. Quando perceberam que não havia espaço suficiente no barco a vapor para os cavalos, eles relutantemente os venderam também. Eles até tiveram um pequeno lucro, depositando o dinheiro extra para comprar suprimentos em Independence.

Henry disse a ele que poderiam substituir tudo o que precisassem assim que chegassem ao ponto de lançamento a oeste. Havia várias coisas que Weston e Clay insistiam em carregar consigo. Os baús contendo seus itens pessoais, aquele com as ferramentas de que precisariam quando chegassem à sua nova propriedade e a arma que Clay insistia em levar com eles.

A viagem transcorreu tranquilamente, a maior parte dos dias ocupada com a leitura de mapas e a elaboração de planos. Eles conheceram várias outras famílias que também se dirigiam para Independence. Uma dessas famílias eram os irmãos Hartmans. Weston achou que o irmão mais velho, Randall, estava bem, e os dois mais novos pareciam bons o suficiente. Weston não gostava de nenhum de seus amigos. Seu instinto lhe dizia que os Richards eram pessoas más. Seu instinto nunca o desviou.

Weston passava a maior parte de seus dias olhando para as águas turvas do rio Missouri e rabiscando em seu diário. Grande parte disso eram sonhos sobre sua nova casa e listas de suprimentos de que precisariam quando chegassem a Independence. O resto do tempo foi preenchido com pensamentos sobre Ingrid.

Ele não podia acreditar que ela era sua esposa. Planejava passar o resto de seus dias amando-a. Só precisava descobrir onde isso seria. Saboreou os últimos momentos de abraçá-la e beijá-la nos lábios antes de sair para cavalgar de volta para o vagão. Depois de segurá-la a noite toda em seus braços, começou a ter dúvidas sobre ir embora. Sabia em seu coração que eles estariam juntos em breve.

Assim que eles se estabelecessem, enviaria uma carta para Boston pedindo a Ingrid que fosse encontrá-lo.

— O capitão disse que chegaremos nas próximas duas horas — disse Clay caminhando ao seu lado. Ele colocou os braços no corrimão e investigou a água abaixo. — Ainda está pensando nela?

Weston olhou para as carroças rolando ao longo da margem do rio.

— Sabe, aqueles vagões estão cheios de homens e mulheres em busca de uma vida melhor.

— Deveria tê-la trazido conosco.

Wes sorriu para o amigo.

— Tenho pensado nisso todos os dias.

— Bem, teríamos alguém para cozinhar para nós.

— Fez bem — disse Weston. — Não passamos fome e chamou a atenção de várias filhas na caravana.

Clay passou boa parte da viagem aprendendo a cozinhar com as mulheres na trilha. Quando embarcaram no barco a vapor, ele estava preparando as refeições para quase todos no comboio.

— É mais fácil cozinhar para uma multidão do que para apenas duas pessoas — disse ele. Isso não incomodou Clay em nada, já que ele parecia gostar de cozinhar e da atenção. Ele deu um tapinha nas costas de Weston. — Provavelmente deveríamos ter tudo embalado e pronto para desembarcar. Ficarei feliz em ter um chão firme sob meus pés novamente.

— Vá indo. Vou ficar aqui mais um minuto — Weston ouviu os passos pesados de Clay voltando para a cabine. Perguntou-se o que Ingrid estava fazendo e se ela sentia tanto a falta dele quanto ele sentia a dela. Se tivesse a chance de fazer tudo de novo, não a teria deixado em Boston. A viagem foi difícil, mas nada que sua mulher não pudesse suportar.

Seus olhos percorreram a margem do rio. Crianças corriam ao lado da carroça e vários cachorros corriam de um lado para o outro. Seus olhos se fecharam enquanto visões de crianças de cabelos escuros com olhos cor de chocolate encheram sua mente. Eles se pareciam com a mãe.

Claro, haveria muitos animais onde eles viveriam. Os cães eram essenciais para alertar sobre os predadores e manteriam as crianças ocupadas.

Ele abriu o caderno. Estava desenhando um jardim que rivalizaria com os do leste. Queria criar um para Ingrid. Sabia que isso a deixaria feliz e queria fazer tudo ao seu alcance para manter um sorriso no rosto dela.

— Ei, senhor! — ele ouviu uma das crianças gritar para o navio. Weston ergueu os olhos e um garotinho, de não mais que seis ou sete anos, corria descalço e acenava para o navio a vapor. Weston acenou de volta e sentiu sua garganta apertar.

Ingrid estava certa. Ele nunca deveria tê-la deixado para trás.

CAPÍTULO 5



Independence era uma cidade considerável, por estar a oeste do Mississippi. A cidade ostentava muitas lojas para ajudar os pioneiros em sua jornada.

Weston e Clay protegeram seus baús em uma das empresas que ofereciam serviços aos viajantes que desembarcavam. Eles juntariam seus baús assim que comprassem uma carroça. Foi uma caminhada rápida até o centro da cidade. Prédios se alinhavam em ambos os lados da rua e estavam cheios de cowboys, cavalos e pioneiros em busca de barganha em suprimentos.

A primeira coisa que fizeram foi garantir a passagem em um comboio. Do lado de fora da cidade havia uma longa fila de carroças esperando para partir. Weston parou de contar aos trinta. O carroceiro, Walter Ford, era um tipo de homem amigável. Ele deu as boas-vindas a Weston e Clay como parte dos pioneiros.

— Esta é a última parada por um bom tempo. Não poderemos obter suprimentos novamente até depois de cruzarmos as montanhas — disse-lhes o Sr. Ford. — Certifiquem-se de ter tudo o que precisam, depois dupliquem. Não querem ficar despreparados quando chegarmos ao território indígena. Partiremos em dois dias.

— Nós provavelmente deveríamos encontrar uma carroça primeiro — disse Clay. — Depois bois e cavalos.

Weston concordou e eles começaram pela procura. Sr. Ford os indicou ao fabricante de carroças no final da cidade.

Foi fácil encontrá-lo, pois o terreno estava coberto de carroças à espera de novos donos.

— Posso ajudá-los, rapazes? — um senhor mais velho perguntou. Ele era magro como um trilho com cabelos grisalhos, óculos e usava uma enghoca como Weston nunca tinha visto. Consistia em duas peças costuradas — um avental e uma calça. Weston percebeu que o homem usava roupas por baixo. Talvez fosse algum tipo de roupa protetora.

— Precisamos apenas de uma carroça simples — Weston disse a ele. — Nada chique.

— Indo para o oeste para fazer fortuna?

Clayton sorriu.

— Eu certamente espero que sim.

O homem sorriu e estendeu a mão.

— Meu nome é Deebs. Vamos ver o que podemos encontrar rapazes.

Havia tantos tipos de carroças. Algumas eram caixas simples com um arco e uma capa de lona. Outras eram maiores, com laterais ligeiramente alargadas para permitir mais espaço interno. Depois, havia as maiores carroças de todas. *As carroças de Conestoga.*

Grandes o suficiente para serem uma casa sobre rodas, Weston ficou surpreso com o quanto a carroça poderia suportar. O carroceiro até tinha uma completa, com um sofá, uma cadeira de balanço, lanternas e um piano quadrado. Ficou lindo, mas nada prático. Weston não conseguia imaginar nenhum dos pioneiros decidindo transportar uma sala de estar inteira, completa com um piano de quinhentas libras através das montanhas. Porque seus bois provavelmente morreriam antes mesmo de chegar às montanhas rochosas!

— Tem uma esposa? — perguntou Deebs. — Esta é a carroça perfeita para levar uma família pelas planícies.

— Sim, senhor — respondeu Weston. —, mas ela está em casa. Somos só nós dois agora.

— Irmãos?

— Pode muito bem ser. Amigos de infância — explicou Clayton.

— Também é casado, filho?

Clayton sorriu.

— Ainda não. Não encontrei ninguém com quem quero passar o resto da minha vida.

— Bom. Bom. Vamos dar uma olhada nas opções por aqui — Deebs caminhou até o outro lado do pátio. Havia uma dúzia de carroças em exibição.

— Levam apenas dois bois para puxar e podem segurar tudo o que dois rapazes precisam para chegar ao oeste. Podem até colocar seus barris aqui do lado — disse ele, levantando as amarras. Deebs inclinou-se como se fosse revelar um segredo. — Torna mais fácil descer a encosta da montanha — sussurrou.

— Descer? — Weston o olhou com ceticismo. — Por que alguém iria querer descer a carroça?

— Tem que fazer, filho. Ao chegar às montanhas, há penhascos íngremes. Alguém precisa descer e então baixam todas as carroças, cavalos e bois.

— Realmente? — Weston não se lembrava de ter lido nada sobre ter que baixar as carroças no Palmer's Journal. Parecia bastante perigoso. — Alguém morreu?

Deebs deu de ombros.

— Vai acontecer. O que acha?

Clay subiu na carroça. Tinha os mesmos arcos e cobertura de lona da carroça anterior.

— Vamos precisar de mais suprimentos desta vez, Wes — disse ele. — Mas há muito espaço aqui.

— Quanto isso custa? — Weston perguntou.

— E vem pelo preço baixo de US\$ 85.

Weston ergueu as sobancelhas. A última carroça que ele comprou custou apenas \$ 40 e veio com um par de bois.

— Por que tanto? — perguntou.

— Exigência, meu menino! Demanda.

Weston balançou a cabeça.

— É o único fabricante de carroças?

Deebs enfiou os dedos sob as alças do avental.

— Sim. Nós fazemos essas carroças aqui mesmo. Leva três meses para fazer cada uma.

Os olhos de Weston se arregalaram.

— Acho que não temos escolha. Pague o homem, Clay.

Clayton pulou da carroça, suas botas fazendo barulho quando caiu no chão. Ele enfiou a mão no bolso e tirou várias notas. Descascando alguns da pilha, ele as entregou a Deebs. — Voltaremos para buscá-la assim que conseguirmos bois.

— Vai querer ver o Sr. McMurry — Deebs enfiou as notas no bolso e apontou para longe. — Ele está do outro lado daqueles prédios. Os melhores bois que existem.

— Ele tem cavalos? — Weston perguntou. — Precisamos de dois cavalos.

— Eu acho que pode ser. Diga-lhe que, Deebs os enviou e ele os arrumará imediatamente.

Weston agradeceu ao homem e foram em busca do curral do Sr. McMurry.

— Devemos ter cuidado com o que temos. Tem que durar até a Califórnia — disse Clay. Clay perdeu o acesso à fortuna de sua família quando deixou Boston. Seu pai lhe deu uma escolha: ficar em Boston e se casar com a mulher que foi escolhida para ele ou ir embora e nunca mais voltar.

Clayton escolheu o último.

Weston ficou grato por seu próprio pai não ter feito o mesmo. Quando Weston parou para avisar seu pai que havia se casado com Ingrid, este lhe deu um pouco de dinheiro para acelerar o processo de encontrar um lar e avisar para Ingrid. Seus pais ficaram encantados em tê-la como nora.

Enquanto Weston e Clayton caminhavam em direção ao curral, eles passaram por várias famílias caminhando em direção a eles, indo para os comerciantes da cidade.

— Não esperava que a carroça custasse tanto — disse Weston.

— Não é como se tivéssemos escolha aqui — disse Clay, tirando o chapéu para um grupo de mulheres que se aproximava deles. — Senhoras.

As mulheres riam e passavam apressadas, com os cestos nas mãos.

— Concentre-se, Clay — disse Weston.

Clay sorriu.

— Acho que vou gostar daqui.

Não demorou muito para encontrar uma parelha de bois e dois cavalos.

Clay conseguiu barganhar o preço. O Sr. McMurry até tentou convencer Weston a comprar uma vaca leiteira e um bezerro. A ideia de ter leite fresco na viagem era bastante tentadora, mas Weston não queria se preocupar em alimentar a vaca na trilha. Eles combinaram de pegar os animais depois de comprarem o restante dos suprimentos.

— Tem sua lista? — Weston perguntou.

Clay tirou um pedaço de papel do bolso e o segurou entre os dois dedos.

— Bem aqui.

Weston pegou o papel de seu amigo.

— Devemos dividir? Precisamos fazer tudo e levar a carroça para onde todos estão se preparando — Weston rasgou o papel ao meio e ofereceu um pedaço a Clay.

— Vou ficar com a metade de cima — disse Clay. — Vou para a loja de secos e molhados. Parece que vai para o mercantil. Pegue alguns chicotes de alcaçuz, se eles tiverem algum.

— Tenho certeza de que sim — Weston acenou para o amigo e seguiu para o lado oposto, em direção ao mercantil. A loja estava lotada de viajantes conversando entre si.

Andou pela loja esperando sua vez. Por toda parte havia mulheres fazendo compras. As crianças riam e corriam com balas e dedos pegajosos. Ele se deparou com uma vitrine de artigos de toalete femininos. Havia de tudo, de sabonete a escovas e pentes.

Uma mulher com o rosto cheio de rugas passou por trás do balcão e parou na frente de Weston.

— Procurando algo para sua patroa? — Ela pegou um sabonete embrulhado em papel floral. — Este é um dos nossos mais vendidos — disse ela, entregando-o a ele.

Weston levou a barra de sabão ao nariz e cheirou. O cheiro de rosas era muito enjoativo. Ele o devolveu à mulher.

— A senhora tem alguma coisa... mais suave? — perguntou.

— Tente este — a mulher entregou-lhe um com pequenas flores roxas. Era mais suave, mas não o que ele estava procurando.

Weston balançou a cabeça e devolveu a barra para ela.

— Também não é isso. Não era floral.

— Hmmm — ela se virou para um mostruário de sabonetes embrulhados em embalagens brancas com letras azuis. — Estes são novos. Vieram do leste — ela colocou três barras na frente dele.

Weston cheirou cada barra. O terceiro foi o mais próximo do que Ingrid usava.

— O que é este? — perguntou.

A mulher se virou e pegou outra barra.

— Limão e eucalipto.

Era um aroma bastante frutado e mentolado com um toque de mel. Isso o lembrou de Ingrid. As emoções começaram a subir em seu peito. Como era

possível sentir tanto a falta de alguém? Ele levou a mão ao peito, desejando que um pouco do aperto se dissipasse.

— Quanto elas custam?

— Cinco centavos cada.

— Parece que a senhora tem cerca de dez barras? — A mulher assentiu. — Vou levar todas elas e tudo nesta lista.

Os olhos da mulher se abriram em surpresa.

— Sim, senhor. Me dê alguns minutos para juntar isso. O senhor quer suas sacolas de suprimentos agora ou vai buscá-las?

— Vou pegá-los. Tudo o mais que posso levar agora — lembrando-se do pedido de Clay, ele gritou para a lojista: — Eu também preciso de uma moeda de dez centavos em chicotes de alçaçuz — *Isso deve ser o suficiente para manter Clay feliz por um tempo.*

A mulher juntou tudo e entregou uma caixa de madeira a Weston.

— São cinquenta e sete dólares e vinte e três centavos — Weston contou o dinheiro e pegou a caixa. Ele podia sentir o cheiro das barras de sabão, embora a mulher as embrulhasse separadamente em papel pardo. Agora ele se lembraria de Ingrid durante toda a viagem.

Balançando a cabeça por sua tolice, ele começou a caminhar de volta para a carroça. Clay deve chegar em breve, já que deveria ter terminado de fazer suas compras na loja de secos e molhados.

— Wes! Wes! — ele ouviu alguém chamá-lo. Olhando em volta, ele viu Clay correndo em sua direção, com as mãos vazias.

— O que aconteceu? — Wes perguntou. — Onde estão os suprimentos?

Clay se curvou e pôs as mãos nos joelhos.

— Deixe-me recuperar o fôlego — quando finalmente conseguiu respirar novamente, Clay se endireitou. — Eles têm uma estação de trem aqui na cidade.

— Então? — ele não ficou surpreso, os trens eram usados para transportar suprimentos por toda a costa leste. Faria sentido que eles comessem a se estender para o oeste.

— Este tinha passageiros nele.

Weston franziu a testa.

— Eu não estou te acompanhando.

— Ingrid está na estação.

Weston quase derrubou sua caixa.

— Tem certeza?

— Claro, já que estou aqui. Ela tem aquela linda garota loira com ela. Sabe, aquela da parte de trás da carroça.

— Verna? — Weston empurrou a caixa nos braços de Clayton. — Para que lado é a estação de trem?

— Desça perto da água e vire à direita. A estação fica em frente à loja de secos e molhados.

Weston correu pela estrada. Quando chegou ao final, espiou a estação um

pouco mais adiante. Ele não tinha certeza se deveria estar animado ou furioso. Se fosse Ingrid, o que ela estaria fazendo em Independence? Ele se lembrava de que seu tio projetava ferrovias para ganhar a vida, então faria sentido que ela o envolvesse em algum esquema para viajar para o oeste.

Quando ele chegou à estação de trem, viu homens descarregando cavalos e suprimentos de vários vagões, mas não a viu no meio da multidão. Abrindo caminho, ele chegou a uma clareira e duas mulheres estavam ao lado de um homem bem vestido. Grandes baús foram empilhados uns sobre os outros, formando uma torre.

— Ingrid! — chamou.

A mulher inclinou a cabeça como se estivesse ouvindo e então disse algo ao companheiro. Weston chamou seu nome mais uma vez.

Ela se virou e o fôlego deixou o corpo de Weston. Era Ingrid. Ela estava bem ali, na frente dele. Ele fixou em seu rosto. Este parecia um pouco mais cheio, mas ela estava tão bonita quanto ele se lembrava. Seu cabelo estava em cachos apertados em volta do rosto e o resto desaparecia em um chapéu decorado com babados e enfeites.

— Weston! — ela gritou e se virou para se mover em direção a ele.

Weston deu um passo à frente e Ingrid correu para seus braços. Ela plantou beijos em suas bochechas.

— Senti tanto sua falta.

— Também senti sua falta, querida. O que está fazendo aqui?

— Tio Owen nos trouxe de trem.

— Mas o que está fazendo aqui?

Ingrid estendeu a mão e pegou a mão de Weston, colocando-a em sua barriga. Seus olhos dispararam para os dela e sua boca se abriu em surpresa. *Ingrid estava grávida.*

CAPÍTULO 6



Ingrid passou os braços em torno de Weston e o trouxe para outro beijo. Ela não se importava se era impróprio ou não. Ela não via o marido há quase três meses.

— Está surpreso? — perguntou Ingrid.

Weston balançou a cabeça.

— Não tem ideia de como estou surpreso. Como chegou aqui tão rápido?

Ingrid apontou para Verna e um homem parado ao lado dela.

— Tio Owen estava trazendo suprimentos para Independence, então Mamaí perguntou se poderíamos nos juntar a ele.

Weston se aproximou e apertou a mão de Owen Aland.

— Obrigado por trazer minha esposa. Eu agradeço.

— O prazer é meu. Admito que a viagem até aqui não foi das mais confortáveis, mas Ingrid insistiu. Ela pode ser bastante teimosa.

Ingrid sorriu quando Weston olhou para ela.

— Sim, ela pode ser — disse ele.

— Tio Owen tem que cuidar do descarregamento dos suprimentos. Talvez devêssemos nos acomodar — ela pegou o braço de Weston e o conduziu até o barulho no meio da cidade. — Podemos voltar e pegar nossos baús — Ela olhou por cima do ombro e acenou para Verna. — Vem também, Verna?

Verna pegou sua bolsa e se juntou a eles.

— Quando chegou, Weston?

— Esta manhã.

— Que timing perfeito — disse Ingrid. — Podemos ajudá-lo a preparar tudo para a viagem — ela olhou ao redor da cidade. Não tão refinada quanto Boston, Independence, Missouri, tinha seus próprios encantos únicos. Ela podia ver o topo dos barcos a remo com as grandes rodas vermelhas. Fumaça negra subia de grandes torres. A cidade consistia em comerciantes em ambos os lados de uma larga estrada de terra e pessoas, até onde Ingrid podia ver.

Os homens estavam vestidos com calças escuras com um top estilo avental cobrindo suas roupas. Camisas de linho simples apareciam por baixo dos babadores e da jaqueta.

As mulheres usavam vestidos de chita simples com chapéus de sol. Os vestidos eram simples, muitas usavam aventais de linho sobre as roupas. Mamaí desmaiaria se pensasse em mulheres usando avental em público. As

mulheres carregavam cestos trançados, como aquele que Ingrid costumava usar para colher as verduras da horta de sua mãe. A pele das mulheres estava escurecida pelo sol e a exaustão, estampada em seus rostos.

Ingrid olhou para suas roupas de viagem. Ela usava um vestido de lã azul, com decote profundo e grandes mangas balão que apertavam no pulso. Um paletó cinza escuro cobria seu vestido. Onde Ingrid se sentia linda em toda a sua elegância em casa, agora parecia muito deslocada.

Weston cobriu a mão de Ingrid com a sua.

— Esta não é uma viagem de lazer, Ingrid. Vamos viajar por meses. Sem nenhuma cidade. Sem nenhuma loja. Sem acesso a água potável — sua testa enrugou quando ele a olhou. — Sem falar que vai ser perigoso ter um bebê no meio do nada.

Ingrid olhou para ele.

— Eu não queria ter esse bebê longe de ti. Nosso bebê. Eu vi um médico antes de sair. Ele disse que eu estava perfeitamente bem para viajar.

— Ele disse quando o bebê chegaria?

— Final de outubro. Isso nos dá muito tempo para chegar à nossa nova casa.

Ingrid viu Weston olhar para trás, para sua bagagem.

— Trouxe um pouco contigo.

Ingrid deu de ombros.

— Parte disso são suprimentos. Tio Owen disse que tudo é mais caro aqui. Também tenho minhas roupas e uma caixa de sementes para começar nossa horta quando chegarmos. Mamaí me deu isso.

— E sua porcelana — Verna disse.

— China? — Weston desviou os olhos para Ingrid. — Trouxe porcelana?

— É o segundo atendimento da Mamaí. É lindo e será um complemento perfeito para a nossa nova casa.

— Ingrid, a maior parte provavelmente vai quebrar antes de chegarmos aonde estamos indo.

Ingrid ergueu o queixo e olhou para ele.

— Então, só terá que se certificar de que não quebre.

— Precisamos equipá-la adequadamente para a viagem — disse Weston olhando para o vestido dela. — E vai precisar de sapatos. Ouvi dizer que algumas mulheres gastam dez pares de sapatos.

— Bem, isso é bobagem — Ingrid fungou. — Quem gasta dez pares de sapatos em apenas cinco meses?

— Mulheres que estão andando, é isso.

— Andando? Elas vão andar por todo esse caminho?

Weston assentiu.

— Não há muito espaço na carroça. Precisa ser preenchida com suprimentos — ele deu a Ingrid um olhar penetrante. — E porcelana.

— Tinham muito espaço na carroça quando saiu de casa.

— Éramos apenas Clay e eu naquela carroça. Só precisávamos chegar a

Ohio. De lá, pegamos um barco o resto do caminho.

A boca de Ingrid formou um círculo perfeito. Ela olhou ao redor da cidade.

— Onde está Clayton?

Weston passou a mão pelo rosto.

— Ele provavelmente está colocando suprimentos na carroça — eles caminharam pelo resto da cidade até chegarem à área próxima ao construtor de carroças. Weston pegou as mãos de Ingrid e a virou, de modo que ela o encarasse. — Querida, tem certeza de que quer fazer isso? Não é tarde demais. Posso levá-la de volta e estará no próximo trem para casa com o tio Owen.

Ingrid sentiu o lábio começar a tremer. Ela não viajou até ali só para que ele lhe dissesse para ir para casa.

— Eu te pertenco, Weston. Sou sua esposa.

Weston soltou as mãos dela e colocou o braço em volta de seus ombros.

— Então vamos encontrar uma maneira de fazer isso funcionar — eles caminharam pelo pátio dos vagões e Ingrid fez, *Oh! e Ah!*, sobre a *Carroça Conestoga*.

— Viu isso, Weston? — perguntou, apontando para o sofá e o grande piano no fundo.

— Sim, vi — Weston a dispensou. — Precisamos encontrar Clay.

Clay estava na carroça movendo itens quando o pequeno grupo se aproximou da parte de trás. Ele parou por um momento quando avistou Ingrid.

— Eu pensei que a havia visto — disse ele, sorrindo. — Eu mencionei para a Wes, e acho que nunca o vi se mover tão rápido em sua vida.

— Obrigada — disse Ingrid. — Estou feliz que nos viu.

Clay caminhou até a parte de trás da carroça. Segurando o arco, ele colocou a bota na carroceria.

— Virá com a gente?

Ingrid assentiu.

— Ela está grávida — disse Wes. As sobrancelhas de Clay se ergueram de surpresa.

— Eu acho que os parabéns estão em ordem? — perguntou.

Wes assentiu.

— Esta é a amiga de Ingrid, Verna. Ela vai nos acompanhar também.

Ingrid percebeu que Clay olhava sua amiga de cima a baixo. Ela queria revirar os olhos. Ele nunca mudaria.

— Clayton Wilson ao seu serviço — disse ele, tirando o chapéu e fazendo uma reverência exagerada. Ele pulou da parte de trás da carroça e caiu no chão com um baque.

— Verna Brown — disse sorrindo para ele. Clay ergueu a mão dela e deu um beijo nos nós dos dedos.

Uh-oh, pensou Ingrid. Reconhecia aquele olhar. Teria que lembrar a Verna que, a partir de agora, ela ainda estava noiva do Sr. Grouchy Britches e poderia ter que voltar para Boston, assim que sua família descobrisse onde ela

estava.

— Preciso ver o carroceiro e avisá-lo que há mais pessoas em nosso grupo — disse Wes. — Então precisamos ir buscar roupas adequadas para essas duas.

Clay ergueu a sobrancelha.

— Temos dinheiro suficiente para isso?

— Eu tenho meu próprio dinheiro, muito obrigada — disse Ingrid. — Meu pai garantiu que eu conseguiria tudo o que precisasse.

— Posso pagar pelas roupas da minha esposa — disse Weston. — Acha que vamos precisar de outra carroça? Ingrid tem alguns baús no depósito.

Clay ergueu a sobrancelha.

— Alguns baús? — ele deu um assobio baixo. — Vai ser apertado apenas para nós dois.

Wes tirou algum dinheiro do bolso. Contando várias notas, ele as entregou a Clayton.

— Veja se pode pechinchar com ele. Afinal, estamos comprando duas carroças agora.

Clay assentiu. Ele se virou para, Verna.

— Quer vir comigo?

Ingrid revirou os olhos ao ver Verna corar. Clay podia ser muito charmoso e era bonito. Com seu cabelo loiro desgrenhado e olhos azuis, ele poderia ter mulheres comendo em sua mão em um instante.

— Ela virá conosco — disse Ingrid, agarrando a mão de Verna e descendo a fileira de carroças. Ela não tinha ideia de para aonde estava indo, mas estava tudo bem.

— Ingrid, — Weston rosnou enquanto as alcançava. — precisa ficar comigo.

— Sou perfeitamente...

— É minha esposa. Minha responsabilidade. Não conheço ninguém na cidade, então precisa me ouvir.

Ingrid bufou um pouco, mas assentiu.

— Tudo bem — Weston pegou a mão de Ingrid e eles caminharam até onde as carroças estavam enfileiradas. — Todas essas carroças vão?

— Há tantas — Verna entrou na conversa. — Parece uma centena ou mais.

Weston assentiu.

— Sim. Cada carroça representa uma família que quer uma vida melhor para si — Weston perguntou a um dos homens onde estava o carroceiro, e o homem apontou mais adiante no comboio.

Ingrid podia ouvir as vozes aumentando à medida que se aproximavam. Ela ficou atrás de Weston, segurando a mão de Verna.

— Senhor Ford! — gritou Weston.

Um homem pelo menos dez anos mais velho que Weston se virou e acenou.

— Senhor Chapman, houve algum problema em encontrar uma carroça?

Weston balançou a cabeça.

— Minha esposa decidiu ir conosco.

Se o Sr. Ford ficou surpreso, ele não disse nada. Olhou para Ingrid e Verna.

— Qual delas é a sua esposa?

— Eu — disse Ingrid.

O Sr. Ford assentiu.

— E a outra?

— Ela é minha amiga mais querida.

— Ela é casada?

— Não. Por quê?

O Sr. Ford rabiscou algo em chumbo em um pedaço de papel antes de enfiar os dois itens de volta no bolso.

— Não posso ter mulheres solteiras no comboio.

— Por que não? — perguntou Ingrid.

— Ingrid — disse Weston suavemente. —, agora não.

— Muita tentação. Agora, uma mulher casada não é uma tentação para todos esses homens. A menos que ela tenha um padrinho, que pode ser marido, pai, irmão ou pretendente, ela não poderá vir.

— Ela tem que vir conosco — disse Ingrid. Arregalando os olhos, ela olhou para Weston e viu sua determinação desaparecer.

— Eu vou apadrinhá-la — disse Weston. — Ela será minha responsabilidade.

O Sr. Ford olhou para Weston por um momento e depois desviou os olhos para Ingrid e Verna.

— Certifique-se de que ela fique perto de sua carroça.

— Também teremos uma segunda carroça.

— Certo. Tudo bem, — disse o Sr. Ford, com um aceno de desdém. — Eu tenho problemas maiores agora.

— Existe algo que eu possa fazer para ajudar? — Weston perguntou.

— A menos que possa nos levar pela passagem para o Oregon, então não.

— Não é esse o seu trabalho? — Weston perguntou.

O Sr. Ford avançou, sua altura elevando-se sobre Weston. Ingrid se encolheu e segurou a mão de Verna com mais força.

— Está brincando comigo, garoto?

Weston balançou a cabeça.

— Não senhor, eu apenas pensei que era o trabalho do carroceiro.

— Meu trabalho é garantir que chegue lá inteiro. Nosso batedor não chegou. Normalmente, temos um daqueles caçadores de peles liderando o caminho.

— O que irá fazer? — Weston perguntou.

— Vou riscá-lo da minha lista de pessoas que podem ajudar e continuar pedindo. Se me der licença — ele passou por eles e caminhou até a próxima carroça.

— O que ele disse? — perguntou Ingrid. — Parecia bastante zangado.

— Acho que eles não têm um guia para atravessar as montanhas — ele

respirou fundo. — Vamos, querida. Precisamos pegar mais dois bois e depois encontrar-lhe roupas apropriadas.

Ingrid o seguiu até o curral de McMurry. Ela torceu o nariz quando o cheiro de sujeira, suor e esterco encheu suas narinas. Foi avassalador; ela sentiu seus olhos lacrimejarem.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Ingrid. Um cavalo esticou o pescoço e começou a morder a ponta do chapéu de Ingrid. — Ooo! — gritou, afastando o animal.

— Preciso comprar mais dois bois — disse Weston, continuando pela fileira de currais. Ele deu um pequeno salto e olhou por cima do ombro. — Cuidado onde pisa.

— Cuidado com o quê? — Ingrid deu um passo e sentiu seu pé afundar. Ela levantou um pouco a saia e viu seu novíssimo chinelo de pele de carneiro afundar em uma pilha quente de gosma marrom. Levantando o pé, tentou sacudi-lo, mas só conseguiu jogar o esterco de vaca para baixo da saia. Gritando, ela chutou o sapato e tentou ficar na ponta dos pés, pois não queria colocar o pé inteiro no chão.

Ela ouviu, Verna cair na gargalhada. Lágrimas escorriam por seu rosto.

— Oh, Deus, Ingrid — disse, inclinando-se. — Eu mal consigo respirar.

— Não foi tão engraçado, Verna — disse Ingrid. Ela levantou um pouco a saia e seguiu Weston, pulando na ponta dos pés enquanto avançava.

Weston havia parado na beira de um cercado grande e conversava com um homem baixo de cabelos escuros. O homem assentiu e apontou para o campo. Weston apertou sua mão e voltou para Ingrid e Verna. — Vou ver os bois ali — disse ele. — Fiquem aqui.

— Ficaremos — Ingrid insistiu. — Não caminharei para nenhum outro lugar que não seja de volta para a carroça.

— Por que não? — Ingrid levantou ligeiramente a saia e esticou o pé com meia. Os dedos dos pés estavam marrom-escuros por causa da sujeira do curral. — O que aconteceu com o seu sapato? — Ingrid apontou para a calha pela qual eles haviam acabado de passar. Seu chinelo estava saindo de outra *torta* de vaca. Weston tentou reprimir um sorriso.

Ingrid o observou se afastar, os ombros tremendo de tanto rir. Verna saltou sobre o terreno lamacento e parou na cerca olhando para o curral.

— Olhe aqui, Ingrid — disse Verna.

Ingrid pulou cautelosamente para onde, Verna estava olhando dentro do cercado. Uma vaca, cor de canela, mascava capim, um bezerro ainda molhado ao seu lado. O bezerro olhou para Ingrid com grandes olhos castanhos. Era a coisa mais preciosa que ela já tinha visto. — Eu me pergunto se isso é uma vaca leiteira?

— Provavelmente. Vi algumas amarradas atrás das carroças.

Ingrid estendeu a mão e a vaca a ignorou por um momento, depois esticou o pescoço para ela. Ingrid subiu mais alto na cerca e esfregou a cabeça da vaca por um momento. A vaca mugiu em agradecimento.

— Acha que precisamos de uma vaca leiteira? — perguntou Ingrid.

— Nenhuma de nós sabe como ordenhar uma vaca — Verna disse, estendendo a mão por entre os trilhos para coçar a cabeça da vaca.

— Vou perguntar a Weston quando ele voltar.

— Ele te mima demais, Ingrid. Espero ter sorte de ter alguém assim um dia.

Quinze minutos depois, Ingrid era a orgulhosa dona de uma vaca leiteira e de um bezerro doce.

CAPÍTULO 7



Ingrid conheceu a vovó Krauter quando a vaca que Ingrid batizou de Lady Bug por causa de seu couro vermelho, continuou mugindo bastante alto, perturbando as carroças ao redor deles. Ingrid não conseguia descobrir o que estava errado. Depois de implorar para que a vaca ficasse em silêncio, ela desistiu, envergonhada demais para olhar para as pessoas que a observavam.

Insistindo para que todos a chamassem apenas de vovó, a velha tinha uma pele que lembrava a Ingrid a de uma maçã que ficou muito tempo exposta ao sol. Estava escura, enrugada e começando a afundar ao redor dos olhos. Tinha um nariz pontudo, seu cabelo era quase branco e ela o usava em um coque apertado. Um chapéu de sol pendia do cordão amarrado em seu pescoço. Ele saltava contra suas costas a cada passo que ela dava. Suas roupas estavam gastas, mas limpas, e ela calçava botas resistentes. Ingrid notou que os dedos da vovó estavam retorcidos devido ao reumatismo.

Depois de implorar mais uma vez para a vaca ficar quieta, vovó Krauter, saiu de sua carroça e olhou para Ingrid.

— Nunca ordenhou uma vaca antes, não é? — perguntou com um forte sotaque alemão. Ingrid balançou a cabeça. Vovó apontou para o úbere com um dedo nodoso. — As tetas dela estão todas inchadas. Ela precisa ser ordenhada. Tem um balde e um banquinho? — Ingrid balançou a cabeça mais uma vez, os olhos ardendo com lágrimas não derramadas pelo constrangimento de não saber o que fazer. — Eu voltarei — ela disse e desapareceu na parte de trás de sua carroça.

Voltando com um banquinho de três pernas e um balde de madeira, a vovó Krauter, instruiu Ingrid a distrair Lady Bug com um punhado de grama. Ela colocou o banquinho ao lado da vaca e o balde embaixo dela.

— Tem que limpá-la primeiro. Não quer toda aquela sujeira ou grama no leite — usando seu avental, a vovó mostrou a Ingrid como garantir que os bicos inchados estivessem o mais limpos possível e depois demonstrou como espremer os bicos para tirar cada gota de leite deles. Quando ela terminou, a vovó levantou o balde de leite espumoso e mostrou a Ingrid. — Vai querer que seu homem consiga um recipiente de metal para armazenar o leite. Pode pendurá-lo na proa de sua carroça e, à noite, deve comer manteiga.

— Sem batedeira? — perguntou Ingrid. Ela havia comprado uma na loja, mas não fazia ideia de como usá-la.

Vovó assentiu.

— O balanço da carroça cuidará disso — ela entregou o balde para Ingrid.
— Coloque isso na parte de trás da carroça até conseguir um balde e um banquinho. Vai precisar ordenhá-la novamente esta noite.

— Por que a senhora não fica com ele? — Ingrid ofereceu. — Vou até a loja de produtos secos ver se consigo encontrar um antes de hoje à noite.

Vovó assentiu.

— Está esperando? — perguntou, apontando para a barriga de Ingrid com o queixo.

Ingrid colocou a mão protetora sobre a barriga.

— Em setembro.

— Parece um menino.

Ingrid sorriu. Ela queria dar um filho a Weston.

— Como sabe?

— Quando eu estava grávida do meu Charles, cresci muito rapidamente — ela deu um sorriso, revelando sua falta de dentes. — Sim, terá um filho lindo e forte e será abençoada com muitos mais — previu a vovó.

— Obrigada — vovó acenou e pegou o balde e o banquinho para voltar para sua carroça. — Espere! — Ingrid chamou. — Eu estava pensando se poderia me ajudar. Eu lhe pagaria — as palavras escaparam de sua boca antes que pudesse morder a língua. Como pagaria à mulher mais velha, ela não fazia ideia, mas descobriria algum jeito.

— O que precisa?

— Eu não sei muito sobre ser uma esposa.

— Há quanto tempo está casada?

— Desde janeiro, mas meu marido saiu logo depois para vir para Independence.

— Então o seguiu? — Ingrid assentiu. Vovó observou Ingrid com olhos sábios. — Eu odiaria ser separada do meu Klaus. Eu posso ajudar. Não há necessidade de pagamento, precisamos ajudar uns aos outros.

Ingrid quase correu para abraçar a velha. Fazia apenas três semanas que ela partira de Boston e sentia uma falta desesperada de sua mãe. Eles tinham uma semana antes da chegada do guia de montanha e Ingrid aproveitou o tempo para aprender o máximo que podia com a vovó Krauter.

Passava os dias aprendendo a cultivar fermento para pão, a preparar feijões e biscoitos e a limpar o ferro depois de cozinhar uma refeição. A avó até a ensinou a limpar e preparar o peixe que Weston e Clay pescavam no rio. Ingrid ficou feliz em compartilhar a refeição com a vovó e sua família.

À noite, Ingrid rastejava para a tenda de lona que Weston havia montado perto da carroça e adormecia profundamente no colchão de penas. Verna estava certa, Weston pensou em todas as necessidades de Ingrid. Ela foi verdadeiramente abençoada. O colchão era um dos poucos luxos que ele insistira em comprar. Depois de uma noite no colchão macio, Ingrid não sabia como sobreviveria se tivesse que dormir no chão duro ou na parte de trás da

carroça cercada de barris e sacos de farinha, onde Verna dormia. De manhã, Ingrid acordava nos braços de Weston com a mão dele sobre sua barriga, protegendo-a e seu filho ainda não nascido durante a noite.

Todos os dias, a vovó ensinava a Ingrid uma nova habilidade que ela usaria na jornada para o oeste. Foi um desafio, pois Ingrid nunca teve que fazer nenhuma dessas tarefas em casa. Verna fingia interesse, mas depois desaparecia. Ingrid pensou que algo estava acontecendo entre sua amiga e Clayton, mas ela não tinha certeza.

Parecia que um romance estava florescendo entre os dois. Ingrid pensou que talvez fosse simplesmente porque eles eram da mesma classe e tentavam descobrir como sobreviver na trilha, mas Weston disse a ela que Clay estava apaixonado por Verna e ele não ficaria surpreso se os dois anunciassem seu casamento em breve.

Por fim, chegou o grupo de missionários para embarcar no comboio e com eles o guia da montanha. Jacob Jones era um caçador em todos os sentidos da palavra. Ele vestia uma roupa diferente de tudo que Ingrid já tinha visto. Era feita de camurça e decorada com franjas. Peles cobriam seus ombros, embora o tempo tivesse esquentado. As peles foram amarradas à perna com longas tiras de couro. Jacob viajava com sua esposa, uma mulher Cree (indígena) que ele chamou de Wikimak. Quando Ingrid perguntou o significado do nome, Weston simplesmente disse esposa.

Wikimak era um pouco mais velha que Ingrid. Tinha longos cabelos escuros que usava em duas tranças amarradas com tiras de couro. Usava um vestido bege claro, com bordados intrincados no colarinho e nas mangas. Botas altas adornavam seus pés, feitas do mesmo material e do mesmo intrincado bordado. Ingrid nunca tinha visto nada tão delicado. Em suas costas havia uma armação de madeira coberta por pele. Aninhado lá dentro estava um lindo bebê com cabelos escuros e olhos grandes. Weston disse a Ingrid que era um papoose e que a maioria das mulheres indígenas carregava seus bebês neles.

O Sr. Ford apareceu e informou a todos que partiriam pela manhã e que deixassem tudo preparado. Ingrid estava animada e cheia de medo ao mesmo tempo. Ela tinha ouvido histórias de horror das outras esposas sobre as excursões anteriores. Rumores de doença, ferimentos e morte passaram pelos pensamentos de Ingrid enquanto ela arrumava a carroça. Tudo estava pronto para ir, exceto os poucos itens que ela precisaria para preparar o café da manhã, a barraca, o colchão e os cobertores.

Houve muita comemoração naquela noite, e as pessoas se reuniram em volta das fogueiras tomando café, contando histórias, e o avô Krauter até puxou seu violino. Naquela noite, Ingrid se arrastou para a cama com os acordes de *Oh, Susanna!* tocando em segundo plano. Já era tarde quando sentiu Weston rastejar ao seu lado. Ele a puxou em seus braços e beijou o topo de sua cabeça.

— Está acordada, querida? — perguntou.

Ingrid assentiu contra seu peito.

— Estou muito animada para dormir.

Ela ouviu Weston rir na escuridão.

— Eu também.

Ela olhou para ele, embora estivesse muito escuro para ver. Seus dedos encontraram seu queixo e ela tocou a barba que crescia. Isso o fazia parecer rude e alimentava ainda mais o desejo de Ingrid pelo marido.

— Eu te amo, Wes — sussurrou no escuro. — Estou feliz por estar aqui contigo.

Weston rolou, puxando Ingrid com ele. Mordiscou seus lábios.

— Estou contente também. Mesmo que nem sempre pense bem nas coisas, estou muito feliz por estar aqui comigo.

Ela retribuiu o beijo apaixonadamente e eles passaram a noite se amando até que o som da corneta se fez ouvir sobre os vagões.

CAPÍTULO 8



JULHO DE 1840, NEBRASKA

Talvez Weston estivesse certo. Ingrid não tinha pensado nas coisas. Eles caminharam por quase seis semanas e estavam em algum lugar no interior do território indígena. As costas de Ingrid doíam, as pernas doíam, e ela daria tudo para tomar um banho e não ter que parar para urinar a cada hora. Tentar se aliviar na parte de trás de uma carroça em movimento não era o ideal.

Ela esperava poder viajar na carroça, mas quando Ingrid se sentava ao lado de Weston, o balanço e o empurrão no chão faziam com que suas costas doessem ainda mais. Não havia espaço na parte de trás da carroça, pois era mais uma área de armazenamento do que qualquer coisa prática. Então, ela andou.

Verna, no entanto, decidiu passar a maior parte do tempo com Clay, cavalcando ao lado dele. O empurrão não parecia incomodá-la. Verna havia se adaptado à vida na carroça. Ela não gostou de ser incumbida de juntar fezes secas de búfalo para as fogueiras à noite. Não havia muita madeira ao longo da trilha, então ela relutantemente se juntou às outras esposas enquanto colhiam as fezes que pontilhavam a pradaria. As lascas fumegavam terrivelmente e enchiam o acampamento com um cheiro terrível. Ingrid se perguntou se conseguiria tirar o cheiro das roupas.

Ingrid cozinhava a maior parte da comida e agora se sentia bastante confortável em seu papel de esposa de Weston. Fora aceita pelas outras esposas no comboio. Desejou que sua amiga fosse tão facilmente aceita. As mulheres casadas tendiam a ficar longe de Verna, e as jovens solteiras eram avisadas para manter distância.

À noite, Ingrid e Verna dormiam na parte de trás da carroça no colchão de penas. Weston dormia sob a carroça em um cobertor fino. Ingrid odiava estar separada do marido. Nas últimas noites, porém, acordava sozinha. Sabia que Verna saíria furtivamente da carroça, possivelmente para passar um tempo com Clay. Ingrid não era burra, nem as outras mulheres no comboio.

Tentava ignorar as fofocas que chegavam aos seus ouvidos. Ela descartou isso como mulheres não tendo nada melhor para falar do que sobre outra mulher. Weston, no entanto, não foi tão gentil em perdoar a fofoca. Uma noite, quando ela deu a volta na carroça, viu Weston e Clay em uma discussão acalorada.

Ingrid nunca tinha visto o marido tão zangado.

— Ela é minha responsabilidade nesta viagem — disse Weston ao amigo de longa data. — Não vou permitir que fofoqueem sobre Ingrid de forma alguma. As pessoas estão falando e isso parece ruim para minha esposa. Ou diz que vai se casar com Verna, ou a deixa em paz. Fui claro?

— Não tenho nada para oferecer a ela — objetou Clayton. — Todo o meu dinheiro acabou, e percebo que talvez não seja tão pioneiro quanto pensava.

— Então precisa pensar muito sobre seus próximos passos. Mais uma vez, não permitirei que minha esposa seja menosprezada por causa dessa fofoca.

Clayton assentiu.

— Entendido. Vou levar a segunda carroça e uma parte dos mantimentos. Vai cuidar de Verna até eu voltar?

— Claro. Ela é como uma irmã para Ingrid.

Ingrid se encolheu nas sombras da carroça. Ela queria falar com Weston, mas não queria admitir ter ouvido a conversa. O noivado não foi anunciado e, de qualquer maneira, não importava. Clay cavalgou naquela mesma tarde com vários outros homens solteiros para ir a Denver. Eles ouviram que as minas estavam procurando por homens fortes para ajudar a extrair prata do solo. Weston se recusou a ir com ele, afirmando que suas prioridades eram para sua esposa e filho ainda não nascido.

Ingrid não tinha certeza se Clay se despediu de Verna antes de partir. Sua amiga não recebeu muito bem a notícia assim que soube, mas pelo bem de Ingrid, ela não fez uma cena. Verna endireitou as costas e enxugou as lágrimas.

— Clayton disse que vai procurar trabalho — ela insistiu. — Ele disse que nos encontraria em Oregon, e então nos casaríamos.

Ingrid esfregou a barriga inchada. O movimento repetitivo lhe trouxe algum conforto. Sua barriga estava crescendo rapidamente; quase dobrou de tamanho desde que ela chegou a Independence. O tecido de seu vestido de chita se esticava sobre seu abdômen.

Weston até perguntou se havia alguma maneira de a data de nascimento estar errada. Quando Ingrid percebeu o que ele estava insinuando, tomou toda a sua determinação para não bater na cabeça dele com a frigideira de ferro fundido. Ela disse a ele em termos inequívocos que a criança era definitivamente dele e para tirar tais pensamentos de seu cérebro.

A caravana continuou a se mover em um ritmo lento. Sessenta topos brancos estavam alinhados em uma fileira, viajando entre treze e vinte e cinco quilômetros por dia sobre planícies gramadas. Havia mais de duzentos e sessenta e quatro pioneiros na trilha. Ingrid calculou que levaria facilmente cinco meses para chegar ao Oregon. Alongou as costas e imaginou onde estariam quando o bebê finalmente nascesse.

— Como está se sentindo, Ingrid? — Verna perguntou, caminhando ao lado dela.

A barriga de Ingrid estava maior agora. O tecido de seu vestido pioneiro

esticou-se totalmente sobre seu abdômen.

— Ficarei feliz quando chegarmos aonde estamos indo — disse ela, esfregando as costas. Ela podia ver as carroças à distância começando a diminuir a velocidade e formar círculos de dez a quinze carroças. Era quase meio-dia e a caravana pararia para dar tempo aos viajantes para almoçarem e descansarem um pouco.

Ingrid saiu do caminho quando Weston puxou a carroça para um dos círculos. Espiando a vovó descendo do banco onde o neto estava conduzindo, Ingrid deu um pequeno aceno. Ela foi até a parte de trás da carroça e puxou o forno holandês cheio de sobras de biscoitos. Havia um pequeno pedaço de carne de porco salgada e o resto do queijo. Ela fritaria a carne de porco e serviria sobre os biscoitos com o queijo. Precisava acender o fogo para poder fazer um café fresco para Weston.

Weston desamarrou os bois para permitir que pastassem na grama e na vegetação exuberantes. Os cavalos foram amarrados a uma longa linha que se estendia entre as carroças para que pudessem ser alimentados.

— Verna, pode começar a juntar o que precisamos para uma fogueira?

— Ingrid perguntou, pegando várias cadeiras na carroça.

— Estou tão cansada disso — Verna respondeu irritada. — Eu gostaria de nunca ter vindo contigo.

— Verna — Ingrid advertiu e rapidamente olhou em volta. —, precisa manter sua voz baixa.

O sol estava alto no céu, castigando homens e mulheres cansados. Ingrid ajustou o gorro para proteger os olhos do sol. Ela viu o Sr. Ford cavalgando em seu cavalo pela fila de carroças falando com cada família. Quando chegou à carroça, tirou o chapéu para Ingrid.

— Como está se sentindo, senhora?

— Muito bem — respondeu Ingrid. — Quanto tempo vamos parar?

— Algumas horas. — Ele se virou para Weston, que estava amarrando o último cavalo na linha entre as carroças. — Acamparemos perto do Rio Platte esta noite. Se o tempo estiver bom, vamos atravessá-lo amanhã de manhã. Há muita caça do outro lado. Estou organizando um grupo para encontrar carne fresca.

— Eu ficaria mais do que feliz em ajudar — disse Weston.

— Agradeço — o Sr. Ford tirou o chapéu e continuou para a próxima carroça.

— Estou meio faminto — disse Weston, vindo para dar um beijo na bochecha de Ingrid.

— Está sempre com fome — disse Ingrid bem-humorada. Ela ouviu Verna resmungando ao fundo.

Weston ergueu a sobancelha quando Ingrid balançou a cabeça. Ela não queria nenhum conflito entre o marido e a amiga.

— Vou preparar o café — disse Weston. — Eu quero que descanse — ele deu um olhar aguçado para Verna. — Pode preparar a refeição. Ingrid precisa

de uma pausa.

— E quanto a mim? — disse Vera. — Quando eu faço uma pausa?

Ingrid olhou em volta. A vovó havia parado de adicionar pequenos gravetos ao fogo e estava observando a interação. Parecia que a pergunta de Verna, fez a maioria das mulheres pararem e observarem. Ingrid queria afundar no chão. Em vez disso, ela se aproximou e pegou o bule das mãos de Verna.

— Eu vou fazer isso — disse ela. — Vá descansar.

Weston pegou o bule de café de Ingrid e o devolveu a Verna.

— Vá encher isso. Vou acender o fogo.

Verna parecia que ia dizer alguma coisa, mas então desistiu. Ingrid havia recebido um dos olhares de Weston e sabia que sua amiga havia tomado a decisão certa em obedecer. Ingrid juntou vários punhados de galhos secos e os levou para Weston.

— Não deveria ser tão duro com ela. Não está acostumada com essas condições.

— Adaptou-se simplesmente bem. Ela não deveria ter fugido de casa se não fosse se adaptar — usando uma pedreira, ele a golpeou contra a rocha até que as faíscas incendiassem a escova. Soprando suavemente, acrescentou mais mato e alguns gravetos até que o fogo crepitasse.

— Ela é minha amiga, Weston. E sua responsabilidade — Ingrid o lembrou gentilmente.

— Então ela precisa aprender seu lugar e ajudar. Não vou permitir que minha esposa carregue a carga extra para alguém que se recusa a trabalhar.

— Eu sei que ela não está se sentindo bem ultimamente — Ingrid tentou defender o comportamento da amiga.

— Eu não vou ter isso, Ingrid. — Weston colocou uma pequena grade sobre o fogo.

— Eu enchi o bule e coloquei café fresco nele — Verna disse, entregando o bule esmaltado para Weston.

— Obrigado — ele colocou a panela na grelha. — O que comeremos?

— Sobras de biscoitos do café da manhã. Quero deixar o feijão de molho para o jantar — disse Ingrid. — Pode cortar a carne de porco salgada e colocá-la na panela? — perguntou.

Verna relutantemente assentiu e pegou a panela onde Ingrid havia guardado a carne de porco e os biscoitos. Ela se sentou em uma cadeira e colocou uma tábua de madeira sobre o colo. Tirando a tampa da panela, Verna olhou para ela por alguns segundos. Ingrid viu o nariz da amiga dilatar e a cor sumir de seu rosto.

Verna colocou a carne de porco de volta na panela e empurrou a tábua para as mãos de Ingrid. Correndo da fogueira, Ingrid podia ouvir Verna se dirigir para o mato do outro lado da carroça. Os olhos de Ingrid se voltaram para Weston e ela colocou a tábua no assento antes de caminhar até onde sua amiga estava arfando na grama.

— Oh, Verna — disse, ajoelhando-se para afastar o cabelo dos olhos de sua amiga. — Há quanto tempo sabe?

CAPÍTULO 9



A PRIMEIRA SEMANA DE AGOSTO DE 1840

Weston olhou para a esposa. Ela enxugou as lágrimas de suas bochechas e ele podia sentir seus ombros sacudindo com soluços silenciosos. Ele apertou seu ombro com mais força e a puxou para perto dele, beijando o topo de sua cabeça. Ela estava esfregando a parte inferior das costas e olhando para os montes de terra fresca.

Eles tinham acabado de enterrar cinco pessoas, incluindo uma criança.

— Cólera — disse Ford. — Vai matar alguém em vinte e quatro horas — homens e mulheres estavam voltando para suas carroças quando o Sr. Ford disse que partiriam em meia hora.

Weston olhou para a vovó Krauter. Ela estava inconsolável olhando para o túmulo de seu marido. Levou mais uma semana para eles cruzarem o Rio Grand Platte e chegarem perto de Ash Hollow. As viagens eram extremamente lentas desde que as pessoas estavam adoecendo. Ele sabia que Ingrid gostava muito da mulher mais velha. Não conseguia imaginar a dor que sentiria se algo acontecesse com Ingrid.

Verna não estava no enterro. Ela permaneceu dentro da carroça deitada. Ingrid foi capaz de explicar a ânsia de vômito de Verna, como a mesma doença que atormentava outras pessoas na caravana. Ninguém parecia questioná-la e deixaram Verna sozinha para se recuperar. Weston sabia de forma diferente, porém, se pensasse que poderia encontrar Clay, exigiria que seu melhor amigo voltasse à caravana e fizesse a coisa certa. Depois que Weston desse a ele a surra de sua vida.

Weston estava perfeitamente bem com Verna se escondendo. Isso significava menos tempo para ela ser vista pelo carroceiro. O Sr. Ford já havia pedido a uma família que deixasse o comboio, porque a filha era tentação demais e várias esposas estavam reclamando. A pobre família foi deixada em Fort Kearney e precisava entrar em outra caravana ou voltar para o leste. Deus sabe o que ele faria com uma mãe solteira.

O clima no comboio ficou sombrio e Weston estava preocupado com Ingrid. Ela tinha ficado muito melancólica e isso não podia ser bom para o bebê. Ela estava convencida de que algo iria acontecer antes que o bebê nascesse. Nem mesmo a Sra. Baker, que era parteira de Ohio, conseguiu convencer Ingrid a mudar de ideia.

— Está perfeitamente saudável, Ingrid — disse a Sra. Baker depois de apalpar a barriga da esposa. — Um pouco maior que o normal, mas isso significa que terá um bebê bem forte. Acho que irá dar à luz nas próximas semanas.

— Mas só deve nascer em setembro — insistiu Ingrid.

A Sra. Baker olhou para Weston com olhos compreensivos.

— Talvez eles estivessem errados sobre a sua concepção?

— Impossível — disse Ingrid. — Weston, eu juro, o médico disse que deveria nascer no final de setembro.

Weston tentou garantir a Ingrid que não tinha dúvidas, mas a semente já havia sido plantada e ele se perguntou se era por isso que Ingrid tentou subir em sua carroça naquele dia frio de janeiro. As carroças rolavam lentamente, voltando para a trilha. Weston insistiu que Ingrid se sentasse ao lado dele no banco. Ele não queria que ela andasse mais do que o necessário. Especialmente porque suas costas estavam doendo.

Dois dias depois, Weston sabia que teria que fazer alguma coisa. Ingrid se recusou a comer e reclamou que a dor estava piorando. Era apenas agosto! Ela ainda não deveria dar à luz por mais sete semanas.

Verna tentou esfregar as costas de Ingrid enquanto as carroças passavam, mas ela se recusou a ser consolada.

— Acho que ela precisa de um médico — disse Verna, enfiando a cabeça pela tela.

— Ela pode esperar? — Weston perguntou.

Verna balançou a cabeça.

— Eu acho que não.

Weston olhou para a parte de trás da carroça. Ingrid estava com dor. Ele podia ver que sua testa estava salpicada de suor e seu cabelo estava achatado contra sua cabeça.

— Acha que pode guiar a carroça um pouco? — Verna assentiu e subiu no banco, pegando as rédeas de Weston. Ele subiu na carroça e se acomodou ao lado de sua esposa. — Ingrid? — perguntou, preocupação engrossando sua voz.

Ingrid agarrou a camisa dele.

— Dói tanto, Weston.

Ele empurrou o cabelo dela para trás e olhou em seus olhos profundos. Ele poderia dizer que ela estava com dor. Ela respirava rapidamente e fechava bem os olhos. Ele segurou sua mão por um momento, sentindo a pressão enquanto ela apertava seus dedos o mais forte que podia.

— Eu sei, querida. Acha que pode esperar até chegarmos ao meio-dia?

Ingrid estalou os olhos para Weston.

— Se eu pudesse, o faria. Mas acho que esse bebê está chegando e está chegando agora.

— Impossível — disse Weston. Ele colocou a mão na barriga de Ingrid e a sentiu apertar e depois soltar. — Precisamos encostar, Ingrid. Eu volto já —

ele desapareceu na frente da carroça, tentando ignorar os gritos de socorro de sua esposa.

Ele guiou os bois para o lado para permitir que o resto das carroças passassem. O Sr. e a Sra. Baker diminuíram a velocidade enquanto passavam.

— Tudo bem, Weston? — perguntou a Sra. Baker.

— Ingrid acha que o bebê está chegando.

— É muito cedo. A bolsa dela estourou?

— Não sei.

Weston viu a Sra. Baker sinalizar para o marido, e eles pararam bem na frente da carroça de Weston.

Senhora Baker desceu e caminhou até a parte de trás da carroça, onde Ingrid estava deitada.

Não demorou muito para os gritos serem ouvidos no comboio de carroças que estavam parando. Vovó Krauter e seu filho também pararam para ver se podiam ajudar. Weston tentou subir na parte de trás para ficar com sua esposa, mas a Sra. Baker o enxotou.

Depois de alguns minutos, a Sra. Baker enfiou a cabeça pela frente da tela.

— Ela está em trabalho de parto, mas está tendo dificuldade em empurrar o bebê para fora. Deve ser muito grande. A bolsa dela ainda não estourou.

— Não é muito cedo? — todos os cenários possíveis passaram pela mente de Weston. Nenhum deles com resultados felizes.

— Os bebês seguem seus próprios horários — disse a sra. Baker. — Não pode apressar ou desacelerar o processo quando eles decidem que é hora.

Weston ouviu cavalos galopando em direção à carroça. O Sr. Ford dirigiu-se para o comboio, acompanhado pelo Sr. Jones.

— Tudo certo? — perguntou o Sr. Ford.

— A Sra. Chapman vai ter seu bebê — disse Verna.

— Precisamos continuar. Será capaz de nos alcançar?

— Faremos o possível para recuperar o atraso — disse Weston.

— Há uma pequena cidade cerca de três milhas fora de Ash Hallow. Basta seguir o riacho até onde ele encontra o rio.

— Quão pequena? — perguntou Weston.

— A última vez que estive lá, a cidade tinha cerca de trinta pessoas. Mas tem um médico se precisar de um.

— Muito obrigado — disse Weston. — Vamos seguir nessa direção — disse ele à sra. Baker. — Quero ter certeza de que Ingrid está bem.

— Nós iremos contigo, filho — disse o Sr. Baker. — A patroa disse que ela tinha tudo o que podia para estar na trilha.

— Vou ficar aqui com Ingrid — disse a sra. Baker, desaparecendo atrás da tela mais uma vez.

Weston pegou as rédeas de Verna, e deu um tapa no traseiro dos bois. Ele desejou que as feras não se movessem tão lentamente. Espiou o riacho que o caçador mencionou e guiou a carroça ao longo da borda.

— Eu acho que mais carroças estão virando — Verna disse espiando pela

lateral da lona. — Parece que quatro ou cinco delas.

A caravana avançava lentamente. Weston estremecia cada vez que Ingrid chorava lá atrás. Várias horas depois, ele viu um pequeno aglomerado de edifícios.

A cidade era extremamente pequena. Havia talvez dez prédios no máximo. Weston avistou um pequeno mercantil, um ferreiro e ferrador. Havia uma empresa de conserto de carroças, uma funerária e um escritório de polícia. Em frente ao escritório do xerife, ele avistou um escritório de terras e um boticário. Francis Mueller, MD; Flat River, Nebraska foi pintado em uma placa anexada ao prédio.

Ele parou em frente ao consultório médico e pulou da carroça. Levou três passos para chegar à porta e bater. A porta se abriu e um jovem, apenas alguns anos mais velho que Weston, abriu a porta. Usava um top de linho com um colete marrom e calças marrons. Ele espiou Weston e empurrou os óculos mais para cima do nariz.

— Posso ajudá-lo? — perguntou.

— É o médico?

O homem assentiu.

— Eu sou o Doutor Mueller.

— Minha esposa está em trabalho de parto, mas o bebê não está nascendo.

— Deixe-me pegar minha bolsa — disse o médico desaparecendo atrás da porta. Ele reapareceu um momento depois, seguido por um jovem vestindo um colete com uma estrela de cinco pontas. Weston os seguiu até a parte de trás da carroça.

— Espere aqui comigo — disse o homem, agarrando o braço de Weston. — Doc sabe o que está fazendo.

Weston olhou para o homem.

— É o xerife?

O homem assentiu.

— Xerife Orrin Briggs. Meu território vai de Chimney Rock a Fort Kearney. Flat River está na metade do caminho.

Weston olhou ao redor da pequena cidade.

— Não parece muito grande aqui.

O xerife riu.

— Flat River pode não parecer muito, mas gostamos assim. É uma cidade tranquila. Poucas pessoas. Muita terra para ter. De onde vem, amigo?

— Boston — disse Weston. — Estamos indo para o Oregon.

— Não passam muitas caravanas por aqui, a menos que precisem de Doc. Acho que ficam ao longo do rio Grand Platte.

Weston assentiu.

— O guia mencionou que esta cidade era aqui.

— Deve ser Jacob Jones. Ele é o único que conheço que passa por aqui no caminho de volta para, Independence. Ele conduziu vários outros comboios por aqui.

Weston ouviu um gemido na parte de trás da carroça e avançou para ver sua esposa. O xerife Briggs o puxou de volta.

— Deixe o médico fazer o que ele precisa fazer. Sua esposa está em boas mãos. Primeiro filho?

Weston limpou as mãos nas calças e assentiu.

— Eu acho que demonstro. Tem filhos?

O xerife balançou a cabeça.

— Tenho que encontrar uma esposa primeiro.

Weston ouviu passos na parte de trás da carroça e então o médico escalou a tábua e pulou para o chão.

— Está tudo bem, doutor?

— Ela está perfeitamente saudável. Desconfortável, mas saudável.

— E o bebê?

— Bebês, Sr. Chapman. Eu ouvi dois batimentos cardíacos. Sua esposa está esperando gêmeos.

CAPÍTULO 10



Weston sentiu a terra se mexer sob seus pés.

Gêmeos.

Ele seria pai, duas vezes.

Estendeu a mão tentando agarrar-se a algo para se firmar. O xerife agarrou seu braço e riu.

— Acho que isso é algo que não esperava ouvir.

Weston balançou a cabeça enquanto os aplausos vinham das pessoas nas carroças.

— Sugiro que encontre um lugar para permitir que sua esposa descanse. Ela não precisa ser empurrada na carroça por mais tempo do que o necessário.

Weston se virou para olhar os homens e mulheres que o seguiam.

— Acho que vamos ficar. Ingrid não pode viajar agora. Se se apressarem, podem alcançar o comboio e seguir para o Oregon.

— Vou ficar aqui — disse Baker. — Acho que não queremos mais viajar.

— Eu também vou ficar — vovó gritou. — Este pode ser um bom lugar para criar uma família.

— Existe terra disponível por aqui? — Weston perguntou. Ele não tinha ideia do que iria fazer. Seus planos de trabalhar no Oregon e poder comprar um rancho desapareciam a cada grito de Ingrid.

— Encontre um lugar para acampar — disse o xerife. — E venha ao escritório de terras amanhã. Existem mapas que poderá olhar.

— Muito obrigado — disse Weston, apertando a mão do homem. Ele caminhou até a carroça do Sr. Baker. — Talvez devêssemos apenas acampar perto do riacho.

— Parece bom para mim — disse Baker. — Nós o seguiremos.

Weston liderou a pequena procissão de cinco carroças nos arredores da cidade. Havia um aglomerado de árvores descendo ao lado do riacho. À distância, Weston podia ver grandes formações rochosas projetando-se do solo. Era diferente de tudo que ele já tinha visto.

— Acho que ela está dormindo — Verna disse, pulando da carroça. — Vou juntar um pouco de madeira — ela sacudiu a saia e desapareceu em direção ao riacho. Weston espiou dentro da carroça. A sra. Baker esfregava as costas de Ingrid e cantava baixinho.

— Como ela está? — Weston perguntou.

— Ela acabou de dormir — a Sra. Baker rolou sobre os calcanhares e cobriu Ingrid antes de descer da carroça. — Nós provavelmente deveríamos começar o jantar.

— Verna — Weston chamou. A jovem não estava em lugar nenhum. — Verna! — a chamou de novo.

Verna levantou a cabeça ao lado do riacho.

— Estou aqui! — ela chamou. Weston notou um homem de quase vinte anos parado ao lado dela. O homem pegou a madeira dos braços de Verna e a escoltou de volta para a carroça.

— Weston — Verna disse. —, este é Randall Hartman.

Weston reconheceu o homem de quando eles deixaram Independence.

— Hartman — cumprimentou. — Não estava no final do comboio?

Randall sorriu. — Há um limite de poeira que se pode engolir. Parece um bom momento para parar.

— E sua família? — Weston perguntou. — Não viajava com seus irmãos ou algo assim?

Randall balançou a cabeça. — Meus irmãos foram na frente. Eles não precisam de mim.

— Que bom que está aqui, então — disse Weston, estendendo a mão para apertar a mão do homem.

Randall lançou um olhar furtivo para Verna. — Eu também acho — disse ele.

— Weston — chamou o Sr. Baker. —, precisamos de um líder — as outras famílias se reuniram e expressaram seu acordo. — Eu o indico, Sr. Chapman.

Weston levantou as mãos em sinal de rendição simulada.

— Espere um minuto. Não sei nada sobre liderar um grupo. Existem vários aqui com mais sabedoria do que eu jamais terei.

— Mas provou que é responsável — explicou o Sr. Baker. — Eu o estive observando durante toda a viagem, Sr. Chapman. Eu vi como cuidou de sua esposa e de sua irmã.

— Oh, eu não sou... — disse Verna. Weston a silenciou com um olhar.

O Sr. Baker continuou. — É o primeiro a estender uma mão, quando alguém precisa e não pensou duas vezes em sair do comboio porque precisava de ajuda.

— Agradeço sua fé em mim, mas ainda não fiz nada.

— Bem, vamos ver o que acontece amanhã no escritório de terras. Enquanto isso, provavelmente devemos continuar acampando. Concorde, Sr. Chapman?

— Eu - eu acho que sim.

— Grande — o Sr. Baker bateu palmas. — Isso vai dar muito certo. Eu sei — ele pegou o braço de sua esposa e a conduziu de volta para a carroça.

Weston balançou a cabeça, imaginando o que acabara de acontecer.

— Verna, se puder acender o fogo, eu vou descarregar a carroça, então Ingrid tem mais espaço.

— Deixe-me ajudá-lo — disse Randall, seguindo Weston até a parte de trás da carroça.

Weston entrou e começou a entregar barris e caixas para Randall, que os colocou ao lado da carroça. Quando havia espaço suficiente para se movimentar na parte de trás da carroça, Weston beijou a cabeça de Ingrid antes de escalar a tábua.

— Acho que é isso por enquanto. Vou falar com o xerife Briggs amanhã e ver o que o escritório de terras tem a dizer. Obrigado pela ajuda — disse Weston.

Randall assentiu e voltou para sua carroça. Weston viu o jovem olhar para Verna mais uma vez. Ela parecia alheia à atenção. Weston suspirou. Ele precisava encontrar algo para fazer consigo mesmo. Agarrando o bule, ele desceu até o riacho para enchê-lo.



Weston examinou o mapa sobre a mesa antes de virá-lo para que Isaiah Baker e Randall Hartman pudessem examiná-lo. Dois outros homens do comboio, espiaram por cima de seus ombros.

— Dezoito dólares, o senhor diz? — Weston perguntou.

Doc Mueller assentiu. Ele também servia como agente de terras para o governo.

— Isso é para cem acres sob a concessão de terras. Nós apenas marcaríamos neste mapa, pagariam a taxa de registro e eu enviaria tudo de volta para Washington.

Weston olhou para os outros rostos no escritório apertado. Havia um misto de esperança e apreensão.

— Vou seguir em frente e reivindicar meus cem acres, bem perto do riacho. Sei que Ingrid pensaria que é um bom lugar para criar nossos filhos.

Os outros concordaram e começaram a apontar áreas no mapa. Weston se sentiu bem. Ele teria vizinhos cristãos honestos ao seu redor.

Doc Muller anotou os números da grade no mapa e anotou os nomes das famílias ao lado em um pedaço de papel.

— Vou anotar tudo hoje à noite — disse ele, observando quem pagou os honorários antecipadamente.

Quando terminaram, Doc puxou Weston para o lado.

— Como está a sua mulher?

— Ela está dormindo desde que paramos as carroças ontem.

— Seu corpo provavelmente está economizando suas forças. Se precisar de ajuda, mande alguém me buscar. Não me importa a hora do dia ou da noite.

— Aprecio isso, Doc — disse Weston, apertando a mão do homem. — É melhor eu voltar para a carroça e ver como ela está.

O pequeno grupo voltou para as carroças. Weston notou que não havia ninguém visível quando eles se aproximaram. Ninguém estava cuidando do fogo ou lavando roupa no riacho. De repente, um grito que rasgou seus ossos pôde ser ouvido. Weston bateu com os calcanhares na lateral do cavalo e

galopou de volta para a carroça.

As mulheres estavam reunidas em volta da traseira de sua carroça. Elas conversavam entre si e acenavam ao ver os homens se aproximarem. Houve outro grito e Weston saltou do cavalo, deixando cair a guia no chão. Ele correu para a parte de trás da carroça. Verna o interceptou.

— Não pode entrar lá. Os bebês estão chegando — disse ela.

Weston respirou profundamente. Suas palmas estavam suadas e ele as enxugou na camisa.

— Por favor, Senhor — ele orou. —, a deixe ficar bem.

Ele ouviu Ingrid gemer e a voz suave da Sra. Baker pôde ser ouvida.

— Mais um empurrão, Ingrid — disse ela.

Um grito encheu o ar. Seu filho parecia zangado por ter sido expulso de sua mãe. Verna estava bem na beira da carroça com um cobertor, quando a Sra. Baker entregou a ela uma criança pequena coberta de líquido.

— É um menino — disse Verna, pegando o bebê e começando a limpá-lo com a ponta do pano.

Weston se segurou na beirada da carroça enquanto os homens lhe davam tapinhas nas costas. Outro grito foi ouvido, este muito mais suave que o primeiro. Verna entregou o bebê para Weston e pegou outro cobertor.

— Outro menino — disse a Sra. Baker, entregando o bebê para Verna. — Ambos são meninos saudáveis.

Dois filhos.

Ele teve dois filhos!

Ele olhou para o pequeno pacote em seus braços. O bebê tinha o queixo e o nariz de Ingrid. Seus olhos eram azuis brilhantes quando ele olhou para Weston.

— Como está minha esposa? — Weston perguntou.

— Ela está bem. Vou limpá-la e então poderá vê-la — a Sra. Baker voltou para a carroça.

Weston balançou o bebê em seus braços, enquanto Verna se aproximava com o segundo.

— É um ótimo garoto, Weston. Ingrid se saiu muito bem.

Weston olhou para o segundo filho. O menino era a imagem cuspida de seu irmão.

— Já tem nomes? — perguntou Randall.

— Dissemos que se fosse um menino, daríamos o nome do tio Owen de Ingrid. Afinal, sem ele, Ingrid não estaria nessa jornada comigo.

— Owen Chapman é um bom nome — disse Baker. — E o outro?

— Se fosse uma menina, Ingrid queria chamá-la de Olivia. Como é outro menino, acho que vamos chamá-lo de Oliver.

— Owen e Oliver Chapman, bem-vindos — o Sr. Baker falou. — Hip, hip, hooray!

O restante dos pioneiros se juntou ao coro.

Levou apenas alguns minutos para a Sra. Baker reaparecer.

— Ela está pronta se quiser vê-la.

Weston se aproximou e colocou Owen nos braços da Sra. Baker antes de subir na parte de trás da carroça. Ele se inclinou e pegou o bebê de volta e colocou o menino gentilmente ao lado de Ingrid.

— É o nosso filho, Ingie — disse ele suavemente.

Sua esposa olhou para ele, com lágrimas nos olhos.

— Ele é lindo. Onde está o outro?

Verna passou Oliver para seu pai e Weston se sentou em um barril ao lado de sua esposa.

— Eu os chamei de Owen e Oliver.

— Que nomes perfeitos — disse Ingrid, estendendo a mão para tocar os dedinhos de Oliver.

— Obrigado, Ingrid — disse Weston. — Me deu o maior presente com esses dois meninos.

— Eu te amo, Weston — respondeu, sonolenta. — O que aconteceu no escritório de terras?

— Eu reivindiquei cem acres. Vou começar a construir uma casa assim que puder.

Ingrid deu um sorriso cansado.

— Certifique-se de que tem espaço suficiente.

— Por que isso, amor?

— Precisamos de espaço para mais dez crianças.

Weston jogou a cabeça para trás e riu.

— Uma dúzia, meu amor.

Ele se inclinou e beijou a esposa na testa. Ingrid já havia fechado os olhos.

Sua vida era melhor do que ele jamais sonhou.

EPÍLOGO



DIA DE NATAL, 1840

Ingrid ouvia enquanto Verna lia a velha Bíblia que a mãe de Randall havia embalado para a viagem.

— Lucas 2:1 E aconteceu naqueles dias que saiu um decreto de César Augusto para que todo o mundo fosse tributado.

Era difícil acreditar que os gêmeos tinham quatro meses. Oliver dormia profundamente em seus braços, enquanto Owen dormia no baú que Weston transformou em berço. A família havia acabado de comemorar o jantar de Natal festejando com carne de veado e peru que Weston e Randall mataram em uma recente viagem de caça.

Ingrid fez legumes assados com sobras de batatas e cenouras que plantou em setembro. Verna encontrou macieiras silvestres e guardou as maçãs por um mês para fazer uma torta para a sobremesa de Natal.

A cabana de um cômodo era grande o suficiente para uma pequena sala de estar no centro da casa, junto com um pequeno fogão a lenha, uma mesa e quatro cadeiras. Em cada lado da sala havia cortinas que escondiam os quartos de dormir para dois casais.

Ingrid olhou para sua melhor amiga. Verna estava sentada em uma cadeira ao lado do marido. Randall tinha o braço em volta dos ombros de Verna e os esfregava gentilmente. Ingrid ficou surpresa ao saber que o casal havia se casado. Eles se conheciam há apenas dois meses quando Randall se ofereceu para se casar com Verna e dar um nome a seu filho.

Era evidente que Clayton não voltaria tão cedo e ninguém tinha como encontrá-lo.

Como o pregador havia partido há muito tempo com o comboio do Sr. Ford, a cerimônia foi simples com Randall e Verna trocando votos cercados pelos mais novos residentes de Flat River.

Os primeiros meses do assentamento foram gastos na construção de casas para todos antes que o frio se instalasse. As famílias trabalharam juntas para construir seis casas nos vários lotes. Weston organizou o corte e a movimentação de toras e até construíram um celeiro para abrigar os animais durante o inverno. Verna e Randall decidiram ficar com Ingrid e Weston porque a neve chegou mais cedo e a construção teve que parar. Todos prometeram ajudar na casa de Randall na primavera.

Ingrid podia ouvir o vento uivando lá fora. Dentro da cabana, estava quentinho. Como não havia vidro disponível, Weston envolveu a cabana com a lona encharcada de linhaça dos vagões. Uma grande pele de búfalo cobria a porta, bloqueando o vento e mantendo o calor dentro da grande sala.

Quando Verna terminou de ler, fechou a Bíblia e olhou para Randall. Ele colocou a mão sobre a barriga de Verna e beijou sua testa.

— Obrigado, amor — disse ele.

— Feliz Natal — disse Weston.

— Feliz Natal — responderam em uníssono.

Ingrid bocejou.

— Nós provavelmente deveríamos ir para a cama.

— Orrin disse que poderíamos ver as luzes do norte no céu esta noite — disse Verna. — Eu me pergunto se já começou?

O xerife contou-lhes sobre as luzes que pareciam dançar no céu nas noites muito frias.

— Deixe-me colocar os meninos na cama — disse Ingrid. —, e poderemos sair.

Weston carregou o baú para o lado da cabana que continha o colchão de penas. Gentilmente o colocou no chão e pegou Oliver de Ingrid. Beijando seu filho na testa, Ingrid o ouviu sussurrar para o bebê antes de aconchegá-lo ao lado de seu irmão. Ele gentilmente puxou a cortina ao redor do baú para bloquear o vento quando os adultos saíssem.

Cada vez que ele interagira com seus meninos, o coração de Ingrid se derretia um pouco mais. Weston era um pai incrível e ela sabia que havia escolhido o homem certo para entregar seu coração.

— Vamos, querida — disse ele, estendendo a mão para sua capa perto da porta. Colocando-a sobre seus ombros, ele levantou o capuz para cobrir sua cabeça. Vestiu o casaco e o abotoou até o primeiro botão. Colocando o chapéu na cabeça, ele moveu a pele de búfalo para o lado e dirigiu Ingrid e Verna para fora.

Ingrid sentiu os braços de Weston em volta de seus ombros e se recostou nele.

— Olhe, Ingrid — disse ele, apontando para o céu.

Uma exibição de verde com toques de rosa dançou no céu escuro. Estrelas brilhavam por trás das faixas coloridas.

— É lindo — murmurou Ingrid.

— Olhe ali, querida — Ingrid olhou para onde Weston apontava. — É lá que vamos construir a nossa vida. Imagino uma grande casa cheia de crianças, e pastos a perder de vista. Eles serão pontilhados de gado de corte que criaremos e venderemos.

— Vai ser lindo — disse Ingrid. Ela notou um movimento perto da linha das árvores. — O que é aquilo? — perguntou.

Verna e Randall também olharam.

— Parecem cavalos.

— Orrin disse que havia mustangues selvagens que correm nesta área. É um bom presságio se os virem — Weston lhes disse.

Eles ficaram em silêncio e observaram os cavalos perseguirem uns aos outros na neve. Logo ficou frio demais para ficar do lado de fora. Randall e Verna voltaram para casa. Weston passou os braços em torno de Ingrid mais uma vez, puxando-a para perto de seu peito.

— Vamos ter uma vida boa aqui, não é, Weston? — perguntou Ingrid.

— Sim, querida, nós teremos. — Levantando seu queixo, ele pressionou seus lábios suavemente contra os dela. Ingrid virou-se em seus braços e passou os braços em volta do pescoço dele. Correndo os dedos pelo cabelo dele, ela o puxou para mais perto enquanto ele a beijava completamente.

Ingrid estava sem fôlego quando Weston finalmente parou o beijo.

— Só precisamos ter certeza de que construiremos essa casa em breve.

Weston olhou para a esposa.

— Por que isso, querida?

Ingrid pegou a mão do marido e apertou contra a barriga. Os olhos de Weston se arregalaram.

— Eu tive que sair de casa, quando Verna estava cozinhando carne de porco. Foi assim que eu soube.

Weston deu um grito e girou Ingrid na neve. Deslizando-a contra ele, se inclinou para outro beijo.

— Feliz Natal, meu amor — disse Ingrid quando os lábios dele capturaram os dela.

Fim

MAIS POR VIR: OS HARTMANS

OS HARTMANS

RANDALL HARTMAN(F)  VERNA BROWN

ALICE CHAPMAN  CHATTER HARTMAN

BAXTER HARTMAN

EVANGELINE SARAH HARTMAN  DUKE RICHARDS(F)

REXFORD HARTMAN

WHITNEY HARTMAN

FRANKLIN HARTMAN (F)

ANNAMAE HARTMAN

Uma matriarca pioneira tentando manter sua família unida depois que uma tragédia os atinge.

Verna - A mulher de exterior duro, mas de coração mole. Quando seu primeiro amor a encontrar novamente, ela abrirá seu coração ou permitirá que os medos do passado a arrisquem perdê-lo mais uma vez?

Baxter – Quando ele pega um ladrão em flagrante, imagine sua surpresa ao descobrir que por baixo de todas aquelas camadas de roupa está uma linda mulher presa em circunstâncias fora de seu controle. Como ele pode ajudar a protegê-la quando ela o desafia a cada passo?

Rex – Quando vai vender gado para salvar a fazenda da família, ele conhece uma mulher que tem mais inteligência do que beleza. Fazendeira talentosa, a mulher aperta todos os botões que Rex tem. Ele pode lhe oferecer a única coisa que ela nunca teve? O amor de um homem bom?

Whitney – O ovelha negra da família foi atormentado por demônios durante toda a sua vida. Quando a sobrinha do pregador chega à cidade, será

essa a salvação que ele procurava?

Annamae – Quase tendo morrido de febre, a mais jovem Hartman encontrou alegria novamente nas coisas simples. Não importa o quanto o belo vaqueiro da porta ao lado lhe traga alegria, ele definitivamente não é simples! Ela pode convencê-lo a desacelerar e apreciar a beleza ao seu redor? Mesmo que esteja bem na frente de seus olhos?

Vangie – Depois de fugir por quase doze anos, a filha rebelde finalmente volta para casa para se curar. O novo delegado da cidade sabe exatamente quem é a mulher escondida. Ele pode protegê-la de uma gangue implacável de bandidos determinados a levá-la de volta a uma vida de crime? Ele perderá mais do que seu coração no processo?

OS CHAPMANS

LIVRO 1



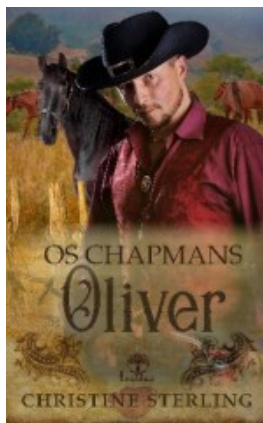
Owen Chapman tem sonhos tão grandes quanto o céu do Nebraska. O que acontece quando um corpo aparece no rancho Chapman e a noiva do morto vem pedindo respostas?

Os planos de Owen Chapman de começar um rancho de cavalos estão finalmente se tornando realidade. Com seus irmãos como parceiros de negócios, ele sabe que não há como falhar. O que ele não esperava era que uma beldade do Sul chegasse e ressuscitasse uma rixa de dez anos que ele achava que estava finalmente no passado.

Elenore 'Ellie' Brooks anseia por casamento, filhos, aventura e uma vida no Oeste. Quando seus planos mudam, ela responde a um anúncio de noiva por correspondência. Mas quando chega em Flat River, Nebraska, nada é como imaginava e ela se vê empurrada para uma família local até que possa voltar para casa. O que ela não contava era com o irmão mais velho e o modo como ele a fazia questionar suas escolhas na vida.

Ellie poderia convencer Owen a não mandá-la de volta para casa no próximo estágio, deixando a cidade? Owen será capaz de deixá-la ir quando o irmão do morto chamar, reclamando a mão de Ellie em casamento?

LIVRO 2



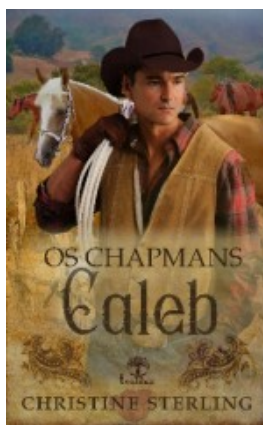
Oliver Chapman está vivendo sua melhor fase; tem tudo o que precisa, sem intenção de se casar. Isto é, até que uma mulher misteriosa aparece em seu rancho. Um casamento de conveniência poderá levar Oliver a perder seu coração?

Uma mulher maltratada é a última coisa que Oliver Chapman esperava ver ao explorar o campo. E sabia que não tinha escolha a não ser levá-la para casa e permitir que se curasse. Mas chegar perto de Willow está se mostrando mais difícil do que dos cavalos que correm soltos na pradaria.

Willow Stephens não confia nos homens. Ela foi usada pelo irmão para pagar uma dívida de jogo, e o homem que possui essa dívida é um dos mais perversos que já conheceu. Quando ela mata um homem em Flat River, Nebraska, sabe que precisa fugir. Mas não contava em ser resgatada por um cowboy alto e bonito, nem que sua família a protegeria com tudo o que tem.

Quando a lei vier à procura de Willow, será que Oliver fará o sacrifício final para protegê-la? Será que ele perderá seu coração e sua liberdade no processo? E Willow, aprenderá a confiar em Oliver o suficiente para lhe dar seu coração? O amor poderá conquistar todas as coisas e deixar a verdade libertá-las?

LIVRO 3



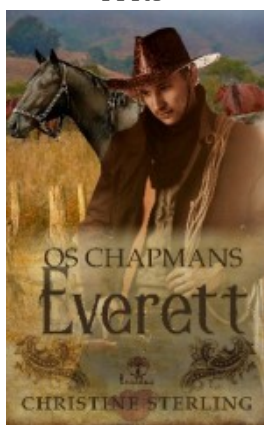
Um homem ansiando por perdão. Uma mulher cumprindo uma promessa; o perigo que os une.

Caleb Chapman nunca se recuperou da morte de seu irmão. Ele se culpa e promete seus dias restantes para proteger sua família. A chance para a aventura chama quando ele lidera uma condução de gado do Texas a Nebraska. O que ele não espera é encontrar uma mulher bonita sem memória de quem ela é ou como chegou lá.

Lydia Whitcomb não se lembra de porque está fugindo ou protegendo um menino de sete anos. Ela só sabe que algo terrível aconteceu e ela está agora em uma viagem de gado para Nebraska. O que ela não espera é um cowboy bonito para vigiá-la até que sua memória possa retornar.

Qual é o segredo que Lydia está escondendo? Lydia será capaz de esconder seus sentimentos por Caleb tão facilmente quanto esconde suas memórias? Uma vez que seu segredo venha à tona, separará o casal ou finalmente será o acerto de contas que eles precisam?

LIVRO 4



Ela quer a aventura de uma vida; ele precisa curar velhas feridas familiares. Se eles vão ajudar um ao outro, eles não podem se apaixonar ao longo do caminho.

Polly Phillips vai para o oeste para ajudar sua melhor amiga a se casar. Ela sonha em deixar os limites da cidade para trás e abraçar cowboys, cavalos e o céu mais azul do que qualquer coisa que ela já viu. Ora, ela pode até tentar arranjar um marido para si mesma! Que sorte que ela encontra um grupo de cowboys quando sua carruagem quebra na beira de Flat River. O que ela não contava era sua primeira apresentação a Everett Chapman sendo envolta em seus braços enquanto ele a carregava para a cidade.

Everett não tem tempo para uma garota da cidade, especialmente uma que invada sua propriedade e dê ordens como um general. Não importa quão bonita ela seja, ou como ele gostaria de mantê-la quieta beijando seus lábios. Como o filho mais novo, ele é a última esperança na cura de um conflito familiar que remonta há quase trinta anos. Quando ele está sendo pressionado a se casar com a filha do vizinho, Annamae Hartman, como ele pode se

concentrar no namoro, quando todos os pensamentos são consumidos pela bela loira do sul?

Quando Annamae pede ajuda a Polly para conseguir um marido, Polly está entregando a outra mulher nos braços do homem que ama? A atração entre Polly e Everett pode ser deixada de lado para ajudar a família Chapman a se curar? Polly encontrará a aventura que ela quer, mesmo que não seja a que ela estava procurando?

LIVRO 5



Cansada de ver seus quatro irmãos mais velhos assustando todos os pretendentes, Alice decide fazer justiça com as próprias mãos. O que ela não esperava, era que o amigo de infância da família percebesse o quão crescida ela estava e jurasse protegê-la, mesmo que fosse de sua própria família.

Alice Chapman fugiu de casa para ficar com um homem que ela pensou que iria amá-la, honrá-la e apreciá-la. Quando seus sonhos se transformaram em pesadelos, ela finalmente foi resgatada e trazida de volta para casa em Flat River, Nebraska. Agora ela não tem perspectiva de se casar pois a maioria dos homens a considera um bem danificado. O que ela não esperava era que o irmão mais velho de sua melhor amiga a notasse. Ela adoraria uma oportunidade de encontrar Chat Hartman novamente, mas seus irritantes irmãos mais velhos, estão no caminho!

Chat Hartman tem outras coisas em mente além de começar um romance com alguém. Ele deve lidar com a morte do homem que pensava ser seu pai e a percepção de que seu verdadeiro pai morava na casa ao lado. Então por que ele se sente tão atraído pela tímida, Alice Chapman? Ele sabe que ela passou por uma provação terrível e isso esmagou sua personalidade extrovertida. Não ajuda que ele tenha uma rixa de longa data com seus irmãos mais velhos, que se intensifica devido a um mal-entendido na cidade.

Chat conseguirá lutar contra a atração que sente por Alice? Quando ele propõe um casamento de conveniência, será capaz de resolver os problemas de ambos? Será que Alice se sentirá segura no escuro novamente; e seu coração estará em perigo mais uma vez pelo belo homem determinado a resgatá-la de seu passado?

SOBRE CHRISTINE



Christine Sterling publicou seu primeiro livro de forma independente em 2017. Ela é a criadora da popular Pinkerton Matchmaker Series, Proxy Bride Series e North and South Series. É autora em várias colaborações, incluindo: The Belles of Wyoming, Cowboys and Angels, The Widows of Wildcat Ridge e Silverpines, onde seu livro Wanted: Medicine Man ganhou o melhor romance histórico de 2018. Ela recentemente se juntou à Sweet Promise Press como uma escritora histórica. autora de romances, escrevendo a série Pioneer Brides of Rattlesnake Ridge.

Ela escreve romances históricos de faroeste doces e saudáveis, bem como romances contemporâneos agradáveis. Ela mora na Pensilvânia com o marido, um Shih Tzu mimado, dois pastores alemães e um enérgico Border Collie, que a mantém alerta.

Ela passa seu tempo escrevendo, pensando em escrever e sonhando em escrever. Suas coisas favoritas são uma boa xícara de chá, cachorrinhos aconchegados, um filme que vai fazer você chorar e ouvir seus leitores.

INFORMAÇÕES LEABHAR

Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o [E-mail Leabhar Books®](#)

Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Folha Rosto](#)
3. [Direitos Autorais](#)
4. [Agradecimentos](#)
5. [Os Chapmans e os Hartmans](#)
6. [Capítulo 1](#)
7. [Capítulo 2](#)
8. [Capítulo 3](#)
9. [Capítulo 4](#)
10. [Capítulo 5](#)
11. [Capítulo 6](#)
12. [Capítulo 7](#)
13. [Capítulo 8](#)
14. [Capítulo 9](#)
15. [Capítulo 10](#)
16. [Epílogo](#)
17. [Mais por vir: Os Hartmans](#)
18. [Os Chapmans](#)
19. [Sobre Christine](#)
20. [Informações Leabhar](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)

13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)

57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)
88. [88](#)
89. [89](#)
90. [90](#)
91. [91](#)
92. [92](#)
93. [93](#)
94. [94](#)
95. [95](#)
96. [96](#)
97. [97](#)
98. [98](#)
99. [99](#)
100. [100](#)

